

**Faculdade Canção Nova**

Sidney Dias de Oliveira

**A Imolação Redentora:** a concepção de sacrifício intrínseca à Santa Missa segundo Joseph Ratzinger

**Cachoeira Paulista  
2021**

**Faculdade Canção Nova**

Sidney Dias de Oliveira

**A Imolação Redentora:** a concepção de sacrifício intrínseca à Santa Missa segundo Joseph Ratzinger

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de bacharel em Teologia na Faculdade Canção Nova sob orientação do Prof. Dr. Lino Rampazzo.

**Cachoeira Paulista  
2021**

Dedico deste trabalho à minha família pelo estímulo e compreensão.  
A toda comunidade Canção Nova por ser sustento para o meu amadurecimento.  
A todos os professores da Faculdade Canção Nova por toda dedicação e empenho.  
Enfim, a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão de mais esta  
etapa.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente a Deus, que me escolheu, me chamou e me possibilitou realizar este trabalho para sua honra e glória.

A todos os meus irmãos seminaristas da Casa de Nazaré que me sustentaram no amor, na oração e na ajuda concreta no cotidiano para a conclusão desta etapa tão importante para minha vocação.

A todos os professores da Faculdade Canção Nova que contribuíram para o meu enriquecimento intelectual ao longo destes anos de graduação. Em especial ao meu orientador Prof. Dr. Lino Rampazzo, pelo apoio, conversas e orientações para a elaboração deste trabalho, compartilhando parte da sua sabedoria, conduzindo o trabalho de maneira clara e atenciosa, deixando uma contribuição extremamente importante e positiva nesta fase da minha vida acadêmica. A sua disponibilidade professor me formou muito.

Por fim, a todos os meus colegas de sala e todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão deste trabalho. Sem vocês seria muito mais difícil.

“A Missa é o sacrifício de ação de graças por excelência, o que nos permite unir a nossa ação de graças à do Salvador, o Filho Eterno do Pai.” (Papa Bento XVI, 2008)

## **Resumo**

O ponto de partida deste trabalho é o caráter sacrificial da Eucaristia, que faz parte de um dos principais aspectos da Doutrina da Igreja. Contudo, no decorrer dos anos, a partir da reforma protestante, o aspecto de sacrifício foi sendo entendido de forma equivocada por alguns pensadores. Para um melhor entendimento e, com isso, para uma participação mais ativa do fiel é preciso ressaltar este elemento crucial para a fé católica. Com base no pensamento do teólogo alemão Joseph Ratzinger pode-se produzir sistematicamente uma reflexão a respeito da concepção de sacrifício inerente à Santa Missa a partir de três pontos: as raízes históricas da noção de sacrifício no ato religioso, a missa como sacrifício perfeito e a profundidade teológica do sacrifício. Assim, considerando a Missa como um sacrifício de adoração, oferecido a Deus para prestar-lhe o supremo culto e a mais alta honra, o fiel católico toma consciência daquilo que participa e harmoniza a sua vida em um contínuo crescimento das virtudes heróicas, buscando crescer diante de Deus em graça e santidade. Pois foi para este fim que Cristo sofreu a sua Paixão, Morte e Ressurreição.

**Palavras-Chave:** Imolação Redentora; Santa Missa; Sacrifício; Joseph Ratzinger

## **Riassunto**

Il punto di partenza di questo lavoro è il carattere sacrificale dell'Eucaristia, il quale fa parte degli aspetti fondamentali della dottrina della Chiesa. Ma, col passare degli anni, dopo la riforma protestante, l'aspetto del sacrificio comincia ad essere inteso in un modo equivocado da parte di alcuni pensatori. Con lo scopo di una comprensione, e anche di una partecipazione più attiva del fedele, bisogna evidenziare questo elemento cruciale per la fede cattolica. In base al pensiero del teologo tedesco Joseph Ratzinger, si può produrre sistematicamente una riflessione circa la concezione di sacrificio inerente alla Santa Messa sotto tre punti: le radici storiche del concetto di sacrificio nell'atto religioso, la messa come sacrificio perfetto e la profondità teologica del sacrificio. Perciò, nel considerare la Messa come un sacrificio di adorazione, offerto a Dio per renderGli il supremo culto e il più alto onore, il fedele cattolico prende coscienza di ciò che partecipa e armonizza la sua vita in una continua crescita delle virtù eroiche, nello sforzo di crescere davanti a Dio in grazia e santità. È stato questo il fine per cui Cristo ha sofferto la sua passione, morte e risurrezione.

Parole chiavi: Immolazione Redentrice; Santa Messa;

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	8
<b>1 A Missa como sacrifício: raízes históricas</b> .....	10
<b>1.1 O sacrifício no Antigo Testamento e sua interpretação por parte de Jesus</b> .....	11
<b>1.2 O sacrifício nos primeiros séculos do cristianismo</b> .....	15
<b>1.3 O santo sacrifício da Missa na doutrina da Igreja</b> .....	19
<b>2 A Missa como um sacrifício</b> .....	25
<b>2.1 A problemática com Lutero</b> .....	26
<b>2.2 A doutrina do sacrifício da Missa no Concílio de Trento</b> .....	30
<b>2.3 A crítica de Joseph Ratzinger sobre a posição reducionista de Lutero na modalidade do diálogo ecumênico</b> .....	34
<b>3 Uma teologia do sacrifício</b> .....	41
<b>3.1 O debate atual sobre o problema do sacrifício</b> .....	43
<b>3.2 A conversão pessoal e a eficácia do ato litúrgico</b> .....	48
<b>3.3 Perspectivas pastorais</b> .....	53
<b>Conclusão</b> .....	58
<b>Referências</b> .....	60



## **Introdução**

O caráter sacrificial da Eucaristia faz parte de um dos principais aspectos da sólida doutrina da Igreja Católica. É um elemento crucial para um melhor entendimento da Santa Missa, dentro da qual se faz necessário ressaltar dois aspectos: a Ceia do Senhor e o único Sacrifício de Cristo. Não se deve esquecer jamais essas duas dimensões para celebrar bem este Santo Sacramento. Porém, o monge agostiniano Martinho Lutero ao buscar solucionar o problema da justificação passou a considerar a forma católica da fé como um desvio do seu ponto central, a famosa discussão sobre fé e obras. Sendo assim, passou a compreender a realidade da Missa também de forma distorcida. Para Lutero, a Eucaristia entendida como sacrifício é uma idolatria, pois recai ao antigo uso sacrificial pagão.

Deste modo, Joseph Ratzinger interpela a visão luterana a partir das fontes primárias da fé católica. Buscando encontrar nas suas teses uma aproximação aos conceitos legitimamente católicos e mostrando claramente os desvios, ou seja, aquilo que fere a sã doutrina da Igreja. E no decorrer dos anos foi-se percebendo uma influência luterana concreta na compreensão de católicos a respeito do caráter sacrificial da Eucaristia. Sendo assim, é de suma importância ressaltar que o evento da crucificação de Cristo é um sacrifício expiatório e este evento é intrinsecamente o culto divino no qual está presente formalmente em todos os tempos.

O presente trabalho tem a intenção de uma reflexão um pouco aprofundada a respeito do tema supracitado, de maneira a se alcançar uma síntese que relacione o pensamento de Ratzinger em torno do tema do sacrifício intrínseco à Santa Missa como resposta apologética à tese luterana.

Na santa Liturgia, por meio da fé e da oração da Igreja, a obra de Cristo se insere continuamente na história. Esta é uma ideia clara da doutrina da Igreja e faz com que a perpetuação do culto divino aconteça de uma forma consciente em cada membro católico. Sendo assim, pode-se afirmar que, na liturgia, continuamente ultrapassa-se o momento histórico para entrar no grandioso ato divino e humano da redenção por meio de Jesus. Deste modo, na liturgia Cristo é o sujeito principal e, ao mesmo tempo, atrai toda história para si, para o lugar da salvação da humanidade.

Portanto, não se pode desassociar o ato sacrificial de Cristo com o culto divino prestado por meio da liturgia, em especial na celebração da Eucaristia. Porém, percebe-se que no decorrer dos anos os membros da Igreja sofreram continuamente influências do pensamento luterano no qual associar o sacrifício de Cristo à missa seria uma maldita idolatria, o maior e o mais terrível horror. É por isso que movimentos teoricamente chamados de católicos tentam de

alguma forma abster-se de tudo o que soa como sacrifício e conservar apenas a associação da liturgia como festa pascal mencionada nos relatos da última ceia.

Sendo assim, este trabalho apresenta-se como um mecanismo de auxílio na formação da consciência dos fiéis católicos, para que sejam capazes de uma melhor participação dos atos litúrgicos e, assim, colaborem para propagar a verdadeira concepção da liturgia católica. Percebendo que a teologia pascal é a teologia da redenção, liturgia do sacrifício expiatório. Assim, a concepção sacrificial da missa depende de uma conversão pessoal de cada fiel que, a partir do encontro com o Redentor em cada Eucaristia, poderá, para além da teoria e da mera elaboração de conceitos, mergulhar no mistério contido no altar e haurir do sacramento os frutos e os dons do único e verdadeiro sacrifício contido em cada Missa.

O presente trabalho utilizou-se da revisão bibliográfica tendo como parâmetro o volume XI das obras completas do teólogo alemão Joseph Ratzinger, no qual é abordado o fundamento sacramental da existência cristã, a Teologia da Liturgia. Teve-se como referencial e estratégia de redação textual a abordagem sistemática, fazendo uma reconstrução histórica, uma contemplação da fé e uma aplicação prática, seguindo o caminho de abordagem do teólogo alemão.

## 1 A Missa como sacrifício: raízes históricas

Para Joseph Ratzinger “o sacrifício aparece como núcleo essencial do culto praticamente em todas as religiões”<sup>1</sup>. Daí a importância de tratar deste assunto dentro da realidade do culto divino. O problema é que, na elaboração deste conceito, aparecem muitos equívocos. Por exemplo, alguns autores associam o conceito de sacrifício a destruição, significando que o homem precisa ceder a Deus algo precioso a ele. Esta concepção implicaria que essa realidade fosse subtraída ao uso do homem e isso poderia realizar-se com exatidão apenas mediante a sua destruição, resultando na exclusão da disponibilidade do homem. Mas, a partir disso podem-se surgir algumas objeções: Deus tem alegria pela destruição? Há algo dado para Deus por meio desta destruição? O teólogo alemão vai afirmar que o que há escondido no ato de destruir seria o reconhecimento da soberania de Deus sobre todas as coisas. Mas um ato tão formal não serve para glorificar verdadeiramente a Deus. Pois, a verdadeira entrega a Deus tem um caráter totalmente diferente:

A pertença a Deus não tem nada a ver com a destruição ou com o não existir, mas sim, justamente, com um certo modo de ser: ela significa o sair do estado de separação, da aparente autonomia, do ser apenas para si em si mesmo. Ela significa o perder a si mesmo que é o único modo de encontrar-se. Por isso, Agostinho podia dizer que o verdadeiro “sacrifício” seria a *civitas Dei*, isto é, a humanidade tornada amor, que torna divina a criação e que é a entrega do universo a Deus. Deus tudo em todos – é essa a destinação do mundo, é essa a essência do “sacrifício” e do culto.<sup>2</sup>

Para uma melhor compreensão pode-se conceituar o sacrifício da seguinte forma: “É um ato interior de colocar à disposição completa, até a destruição total, se for o caso, uma coisa, feita a uma outra pessoa ou a outro sujeito, em reconhecimento da sua superioridade sobre a coisa que se coloca a disposição.”<sup>3</sup> Deste modo, segundo este conceito de sacrifício pode-se pensar em três características importantes: o conceito de obrigação, colocar-se à disposição; o conceito de destruição, pelo menos de forma potencial; e, por fim, o conceito de reconhecimento da superioridade da coisa ou da pessoa a quem se sacrifica.

Contudo, nas traduções encontra-se um certo dilema referente ao significado etimológico. Por exemplo, o termo usado em alemão *opfer* não deriva do latim *offerre* (oferecer), mas de *operari* (trabalhar). Por isso, o perigo de definir sacrifício apenas em um

---

<sup>1</sup> RATZINGER, J. **Teologia da Liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. Tradução de Cornelius Pfeifer et al. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019, p. 42.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 42-43.

<sup>3</sup> VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. Tradução de Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009, p. 148.

sentido ritual, operativo. Assim, pode-se ver o quanto pode ser problemático trabalhar apenas com traduções, sem o devido uso da língua latina.<sup>4</sup>

A seguir, vai ser considerado o conceito de sacrifício no Antigo Testamento, com sua interpretação por parte de Jesus; como também tal conceito nos primeiros séculos do cristianismo e, mais especificamente, o santo sacrifício da Missa na doutrina da Igreja.

### **1.1 O sacrifício no Antigo Testamento e sua interpretação por parte de Jesus**

Em todas as religiões pode-se perceber que o uso do sacrifício é uma tentativa de entrar em relação mais íntima com a divindade, perceptível também na mitologia, onde é amplamente documentada.<sup>5</sup> A história das religiões estudou este tema a partir de três aspectos: o sacrifício enquanto “dom” oferecido à divindade, o sacrifício operando uma “comunhão” com a divindade e o sacrifício visando uma “expição” dos pecados e o perdão por parte da divindade. Inclusive percebe-se claramente esta divisão nos sacrifícios. Como por exemplo, na categoria de dom, está o holocausto, a oferenda vegetal e as primícias; já no ponto de vista de comunhão, está o sacrifício de paz; e, por último, no aspecto da expiação estão associados o sacrifício pelo pecado e o sacrifício pela reparação.

A respeito do culto no Israel primitivo, o sistema sacrificial, embora fosse menos elaborado, guardava numerosas semelhanças com o sistema dos canaanitas nos tipos de animais oferecidos e, de certo modo, na terminologia e na forma exterior dos vários sacrifícios. Deste modo, o sacrifício humano e os ritos da fertilidade, tão usados nas nações pagãs, nunca encontraram lugar no culto do jlavismo normativo. Inclusive, a ideia de sacrifício como alimento para Deus também foi relegada a segundo plano. Sendo assim, pode-se dizer que o culto do Israel primitivo não se centralizava em um sistema sacrificial, mas em certas grandes festas anuais:

O Livro da Aliança relaciona três (Ex 23,14-17; 34,18-24), nas quais o adorador deveria apresentar-se diante de Iahweh: a festa dos ázimos, a festa da ceifa e das primícias e a festa da colheita. Todas estas festas eram mais antigas do que Israel e, salvo a festa da Páscoa, eram todas de origem agrícola. Israel recebeu-as de fora. E que não nos cause estranheza este seu modo de proceder. Devemos notar que Israel logo deu uma significação nova a tais festas, atribuindo-lhes um conteúdo histórico. Elas deixaram de ser meras festas da natureza, tornando-se ocasiões em que se celebravam os feitos poderosos de Iahweh em favor de seu povo.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> WILLI-PLEIN, Ina. **Sacrifício e culto no Israel do antigo testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001

<sup>5</sup> CROLLIUS, A. ROEST. **Sacrifício (história das religiões)**. In: PACOMIO, L; MANCUSO, V. (dir.). LEXICON – Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003, p. 674.

<sup>6</sup> BRIGHT, J. **História de Israel**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2010, p. 215.

Posteriormente, o povo de Israel utiliza no seu culto divino de uma noção de sacrifício evoluída no decorrer dos séculos e pelas circunstâncias vividas, excluindo, assim, toda e qualquer forma de magia. Passa a ter uma compreensão a partir dos momentos marcantes da história do povo. Por isso introduzem elementos com um significado próprio, como indica o Dicionário de Liturgia:

O sacrifício veterotestamentário não visa a pôr em ação uma dinâmica apessoal, mas antes estabelecer ou restabelecer uma ligação com Deus, a fim de exprimir submissão ou implorar reconciliação e auxílio. Ele é chamado de dom consagrado (santo, santificante), oferta ou oferenda (*korban*), dom (*minchah*); e dom feito a Deus, realização da comunhão com Deus, reconhecimento do sagrado, alimento da divindade (coisa que, evidentemente, bem depressa se transforma em mera imagem para exprimir o beneplácito de Deus em face do suave perfume do holocausto), reconciliação com Deus, ato de obediência. A *torah* é, de modo particularíssimo, regulamento da correta oferta do sacrifício. Existem sacrifícios cruentos ou incruentos, sacrifícios que consistem em alimento, incenso ou bebida. Mais precisamente, distinguem-se os holocaustos (sacrifícios totais em adoração a Deus) e os sacrifícios de ação de graças que muitas vezes exprimem também oração ou voto, e, enfim, o sacrifício de expiação.<sup>7</sup>

Sendo assim, pode-se dizer que o sacrifício vivido em Israel se distingue dos sacrifícios dos pagãos vizinhos de modo característico pelo fato de terem o seu fundamento e a sua motivação religiosa na história da salvação, além de oferecer os sacrifícios a Deus Criador e Senhor, o único Deus. Na variedade de formas e concepções sacrificais pode-se evidenciar uma constante: o homem se sacrifica quando se priva de alguma coisa e a reserva ao ser divino ou se utiliza desta coisa depois de ter consagrado a esta divindade ou até a destrói em honra deste ser transcendente, reconhecendo, deste modo, a soberania dele sobre si ou para conquistá-lo a seu favor.

Portanto, pode-se dizer que o sacrifício tem um importante espaço, sendo que Israel adquiriu uma consciência mais viva da força do pecado e da necessidade do perdão. Por isso o Livro do Levítico sublinha o papel reconciliador dos sacrifícios, dando grande importância à absolvição pelo sangue e reduzindo as oferendas vegetais a complemento dos sacrifícios sangrentos. Deste modo, tem-se muitas noções e termos técnicos sacrificais que podem ser ressaltados.

Começa-se pela noção de *aceitar*, que é o acolhimento benévolo que Deus dá a um ofertante sincero, aceitando e aprovando a sua oferta dentro das regras rituais. Destaca-se também a noção de *holocausto*, o sacrifício de uma vítima totalmente consumida pelo fogo sobre o altar. É aquele sacrifício que exprime por excelência a doação, pois como a vítima é

---

<sup>7</sup> NENHEUSER, B. Sacrifício. In: SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (Dir.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1070.

toda consumida o oferente não recebe nada da vítima sacrificada. Já o rito do *memorial* tinha por finalidade atrair a atenção da divindade para que ela se lembrasse do oferente ou um penhor que lembra que a oferenda é total. No *sacrifício de paz ou comunhão ou aliança* eram queimadas sobre o altar as partes gordas e uma parte da carne era reservada aos sacerdotes e o resto é consumido pelo oferente, sua família e amigos. Podem-se até distinguir três formas específicas deste sacrifício, que correspondem as disposições internas dos oferentes: o sacrifício de louvor (Lv 7,12-15), o sacrifício votivo (Lv 7,16) e o sacrifício espontâneo (Lv 7,16).<sup>8</sup>

É preciso destacar também o *sacrifício pelo pecado* e o *sacrifício de reparação*. É difícil de distinguir os dois, até porque não se sabe se na origem se trata de dois sacrifícios diferentes, que aos poucos teriam se confundido, ou se trata de um único sacrifício conhecido por dois sinônimos. Mas, especificamente no *sacrifício pelo pecado*, a vítima varia segundo a qualidade ou os meios do delinquente. O sangue desempenha o papel mais importante, pois é ele que proporciona a absolvição. As gorduras também são queimadas sobre o altar e as carnes consumidas pelo sacerdote, salvo no caso em que o delinquente é um sacerdote ou o povo no seu conjunto, pois não se pode ao mesmo tempo oferecer um sacrifício pelo pecado e tirar proveito dele. Vale ressaltar que este sacrifício não serve para obter o perdão de um pecado deliberado, mas visa restabelecer uma relação com Deus comprometida pelos pecados involuntários ou por um estado de impureza.<sup>9</sup>

A distinção mais direta do *sacrifício de reparação* é o fato de ser acompanhado de uma reparação do mal causado, restituição ou reembolso com aumento do valor. Talvez este sacrifício diga respeito a casos particulares e mais individuais que o *sacrifício pelo pecado*. Contudo, é importante destacar que ele não faz parte do ritual de nenhuma grande festa de Israel e que estes dois sacrifícios parecem constituir uma peculiaridade de Israel, já que não se encontra atestação certa de sacrifícios deste tipo em nenhum dos povos vizinhos.<sup>10</sup>

Vale também destacar o sacrifício anual do dia da expiação (*Yom Kippur*), onde o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos e espargia com o sangue da vítima sacrificada o propiciatório da arca da aliança para que se restabelecesse a comunhão de vida de Deus com o povo, quebrada pelo pecado. Contudo, pode-se dizer que o sacrifício pascal se sobressaía no Antigo Testamento, que era a comemoração anual da libertação de Deus da escravidão do Egito.

---

<sup>8</sup> BÍBLIA TEB. tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibidem.

Deste modo, era um *memorial* de uma iniciativa libertadora divina na história.<sup>11</sup> Neste sentido, Giovanni Iammarrone escreveu:

Os profetas apresentaram fortes críticas à prática sacrificial, embora não tenham contestado a validade dos sacrifícios e sim sua redução a celebrações rituais formais. A experiência do exílio levou Israel a uma visão mais profunda do sacrifício: um coração penitente e puro orientado para Deus na justiça e no amor é o verdadeiro sacrifício (cf. Sl 51,19; 34,19 etc.). O ápice da visão sacrificial do At foi alcançado nos cantos do Servo de Javé, que oferece a sua vida para obter o perdão divino para a multidão de seus irmãos pecadores (cf. Is 52,13-53,12).<sup>12</sup>

Também é importante destacar a íntima relação entre Palavra de Deus e rito sacrificial no Antigo Testamento. Pode-se recordar das três grandes assembleias que caracterizam três momentos cruciais da história do Povo de Israel: a conclusão da Aliança aos pés do monte Sinai (Ex 24,3-8), a renovação da aliança realizada por Josias (II Rs 23,1-23) e a retomada da vida religiosa depois do exílio da Babilônia (Ne 8-9). Em todos estes momentos marcantes da história de Israel existe a relação entre a leitura solene da Palavra e a celebração do sacrifício. Já é possível enxergar uma união entre a experiência vivida com Deus registrado no Livro e o culto divino.<sup>13</sup>

Nota-se, portanto, que a celebração desses gestos exteriores tinha também o objetivo de proclamar e consolidar a união espiritual do povo e do indivíduo com seu Deus, reconhecido como Criador e Senhor da vida. Jesus certamente seguiu a crítica profética em relação à redução dos sacrifícios aos gestos rituais e indicou na sincera e amorosa relação com Deus e com o próximo o verdadeiro e autêntico sacrifício agradável a Deus. Giovanni Iammarrone mostra o sentido da vida de Cristo como sacrifício de salvação:

[...] toda a vida de Jesus foi um “serviço” ao Pai e, nele e por ele, aos homens (cf. Mc 10,45; Mt 20,28; Lc 22,22ss); uma “pró-existência” que o levou a doar, a privar-se de tantas coisas e a “sacrificar-se” inteiramente pelo Reino entre os homens até a morte. A esta, talvez pensando no Servo de Javé de Is 52-53 e na tradição espiritual judaica do valor expiatório da morte dos profetas e dos justos, ele, como demonstra o gesto da bênção do pão e do vinho narrada pelos Sinóticos e por Paulo, deu o valor de serviço até o sacrifício. Se o sentido da vida e da morte de Jesus é interpretado nessa linha, pode-se dizer que toda a existência de Jesus, com o ponto culminante da morte, foi um autêntico sacrifício a Deus/Pai pelos homens.<sup>14</sup>

Desta forma, pode-se dizer que Jesus viveu os cultos judaicos com toda a intensidade de um bom judeu e, uma vez que entendeu o sentido das exortações dos profetas, transbordava na sua vida ordinária aquilo que celebrava nas celebrações históricas da sua fé. Na figura de

---

<sup>11</sup> IAMMARRONE, G. Sacrifício de Cristo. In: PACOMIO, L; MANCUSO, V (Dir.), op. cit., p. 674.

<sup>12</sup> Ibidem, p.674.

<sup>13</sup> AUGÉ, M. **Liturgia** – História, Celebração, Teologia e Espiritualidade. 2. ed. Tradução de Comercindo B. Dalla Costa. São Paulo: Ave Maria, 1998.

<sup>14</sup> IAMMARRONE, op. cit., p. 674.

Jesus temos a profundidade de alguém que tem como missão ser o sacrifício de Deus pela humanidade.

## 1.2 O sacrifício nos primeiros séculos do cristianismo

Diante do universo complexo e rico do culto judaico, vale ressaltar que a Liturgia cristã aderiu a muitos elementos, mais do que podemos imaginar. Mas, infelizmente, existe uma cultura antissemita que promove até mesmo entre os pesquisadores um certo preconceito acerca da influência judaica no culto cristão. Reduzindo o antigo culto a textos “farisaicos”, desprezando toda e qualquer beleza do diálogo do único Deus com o seu povo, esquecem que foram utilizando destes ritos que o próprio Jesus rezou. É preciso resgatar a importante visão a respeito da origem judaica nos cultos cristãos. Os cristãos, ao se aprofundarem nos textos, percebem o quanto pode-se relacionar com os ritos cristãos, da mesma forma como naturalmente relaciona o Novo Testamento com o Antigo.<sup>15</sup>

A celebração da Eucaristia apresenta uma liturgia de características analógicas e relacionais com a liturgia judaica. Elementos como a oração israelita de ação de graças, o simbolismo da mesa, as orações de bênção, possuem estreita ligação com a oração eucarística e as primeiras liturgias cristãs enunciadas na *didaqué*.<sup>16</sup>

Mas, ao destacar esta grande influência da liturgia judaica não se nega à originalidade própria da liturgia cristã. Ao delimitar o seu verdadeiro lugar de nascimento, pode-se afirmar que esta liturgia não nasceu do nada, mas na interpretação cristológica dos dados hebraicos, não cancelando o culto antigo, mas destacando a diferenciação. Sendo assim, é possível compreender o sentido da liturgia com muito mais sentido, como por exemplo o sentido das festas cristãs.

Tendo como referência os textos bíblicos, pode-se dizer que as primeiras comunidades cristãs se reuniam para celebrar a Eucaristia, chamando-a de “a fração do pão” e “ceia do Senhor” em obediência ao mandato do Senhor “fazei isto em memória de mim”. Percebe-se, pelo termos utilizados, que a celebração tem uma forma de refeição, algo já comum na cultura judaica. Também se tratava de uma celebração comunitária, pois o termo que mais aparece neste contexto é “reunir-se”. Nota-se ainda uma íntima relação entre a refeição eucarística e

---

<sup>15</sup> DI SANTE, C. **Liturgia judaica**: fontes, estrutura, oração e festas. Tradução de João Aníbal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>16</sup> BOURGEOIS, H; SESBOUÉ, B.; TIHON, P. **História dos dogmas**: Os sinais da salvação; Os sacramentos; A Igreja; A Virgem Maria. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2005. Tomo 3.



uma celebração da palavra, seguindo, assim, uma tradição sinagoga dos judeus. As celebrações tinham um ritmo semanal, no qual o domingo (o dia do Senhor – *kyriake hemera*), superando o sábado judaico e recordando a ressurreição do Senhor, era o dia mais apropriado para a comunidade se reunir nas suas casas particulares. Contudo, vale ressaltar que, tendo como ponto de partida estas descrições destacadas, a comunidade compreendia a eucaristia como algo mais que uma refeição fraterna normal: tratava-se da comunhão da comunidade com o Corpo e Sangue do Senhor.<sup>17</sup>

Tudo isso a partir da nova compreensão do conceito de sacrifício ressaltado por Jesus, transformando-a em uma atitude interior que deve encontrar a sua expressão no ato externo. Os Apóstolos foram entendendo que na morte de Jesus na cruz foi o oferecimento do verdadeiro sacrifício a Deus Pai, ampliando o conceito de sacrifício antes entendido pelos pagãos e judeus. Esta transformação do conceito de sacrifício a partir da morte de Jesus acontece da seguinte forma:

[...] na autooferação livre e voluntária do Filho de Deus, tornou-se realidade aquele elemento historicamente único e irrepetível, mas válido no fundo para todos os tempos e todos os lugares, que constituía como que o presságio e a aspiração mais secreta dos mitos e das lendas culturais. Aí a criação foi radicalmente renovada “uma vez por todas” e agora brilha aos olhos do crente como a “nova criação” na glória pascal e escatológica da ressurreição. Aí o pecado e o seu “tributo”, a morte, são vencidos para sempre e foi aberta a fonte inexaurível da vida eterna e divina. Com efeito, precisamente no dom do corpo torturado de Jesus, verifica-se a transformação realmente recriadora, que em vão e desde sempre os antigos haviam esperado dos seus sacrifícios.<sup>18</sup>

Percebe-se de forma compreensível nos textos do Novo Testamento, especialmente os que narram a instituição da eucaristia, que a comunidade apostólica empregou amplamente a terminologia sacrificial do Antigo Testamento para exprimir a vida e morte de Jesus Cristo. Alguns textos utilizam termos empregados no AT para descrever a obra redentora de Jesus, como por exemplo *prophora* (*oblatio*) e *propherein* (*offerre*). A própria carta aos hebreus<sup>19</sup> revela a morte de Cristo como um sacrifício escatológico, oferecido uma vez por todas e definitivamente, para a eliminação dos pecados em virtude da força expiadora do seu sangue, a auto-ofereção perfeita do sumo sacerdote, a obra salvífica suficiente. Deste modo, pode-se dizer que, a partir do conjunto do NT, a “vida/morte de Jesus que desembocou em sua existência

---

<sup>17</sup> BOROPIO, D. (org.). **A Celebração na Igreja**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1993. v. II.

<sup>18</sup> NENHEUSER, B. Sacrifício. In: SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (Dirs). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1071.

<sup>19</sup> Hb 9,11-23. 10,1

junto a Deus foi e continua a ser um sacrifício a Deus por seus irmãos e nela encontra expressão o autêntico significado do sacrifício”<sup>20</sup>.

Isso deve ser afirmando por mais que nos textos neotestamentários não se encontre expressamente o termo “sacrifício” em relação à celebração da “fração do pão”. Eis, porém, como esta celebração da “ceia do Senhor” vai ser considerada um sacrifício:

Ela é o memorial agradecido da morte de Cristo e, portanto, do seu sacrifício, da sua proclamação. No entanto, esse memorial (*anámnesis*), essa proclamação, é a atualização do sacrifício de Cristo realizado uma vez por todas e suficiente para sempre, a sua aplicação aos fiéis que o celebram. Mas nem isso é dito assim tão expressamente no NT; é, porém, a interpretação válida das afirmações neotestamentárias que falam da morte de Jesus na cruz e do seu testamento, de que se faz memória na celebração da fração do pão e no beber o cálice de benção.<sup>21</sup>

Sendo assim, pode-se deduzir que a celebração deste memorial de agradecimento, a Eucaristia, é a atualização do sacrifício de Cristo. Há uma presença sempre nova, sem repetir aquele sacrifício único, mas que se torna atual, na sua plena eficiência, em todos os tempos e lugares aos crentes a fim de que se torne também o sacrifício deles. Por conseguinte, a celebração torna presente o dom de Deus, penhor da salvação, através do qual os fiéis e todos os que celebram com fé são inseridos na única doação sacrificial de Cristo e nele encontram acesso ao Pai, para a glória da Trindade.<sup>22</sup>

Desta maneira, nos primeiros séculos depois da época do NT se vai perdendo o contexto original em que nasceu a Eucaristia, a refeição comunitária. Percebe-se esta mudança por meio da separação nos textos da *Didaché*, do governador da Bitínia Plínio ao imperador Trajano, de Inácio de Antioquia, Hipólito e Justino. Nestes separa-se com uma certa clareza a celebração da Eucaristia do ágape fraterno. Destaca-se alguns elementos no ambiente celebrativo: a mesa, o cálice de vinho, o pão e a comunhão. Mas, nos séculos sucessivos serão acrescentados novos elementos na celebração.<sup>23</sup>

No capítulo 14 da *Didaqué*, o primeiro escrito instrutivo da Igreja, evidenciando o domingo como o dia da convocação eucarística e aparece a alusão ao sacrifício, mesmo que ainda não reflita a maneira de compreensão dos dias atuais, relacionando assim a Eucaristia como o verdadeiro sacrifício:

Reúna-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer após ter confessado seus pecados, para que o sacrifício seja puro. Aquele que está brigado com seu companheiro não pode juntar-se antes de se reconciliar, para que o sacrifício oferecido não seja profanado. Esse é o sacrifício do qual o Senhor disse: “Em todo lugar e em

---

<sup>20</sup> IAMMARRONE, op. cit., p. 675.

<sup>21</sup> NENHEUSER, op. cit., p. 1072.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> BOROBIO, D. (org.). **A Celebração na Igreja**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1993. v. II.

todo tempo, seja oferecido um sacrifício puro porque sou um grande rei – diz o Senhor – e o meu nome é admirável entre as nações”.<sup>24</sup>

O bispo Santo Irineu destaca a dimensão oblativa e sacrificial da eucaristia. Além disso, une o mistério eucarístico à obra da criação. Tal correspondência evidencia a vida divina que a carne de Cristo comunica à carne dos homens:

Finalmente, como terão eles a certeza de que o pão eucaristado é o corpo do Senhor, e o cálice o seu sangue, se não dizem que ele é o Filho do Autor do mundo [...]? Como ainda podem dizer que a carne desaparece na corrupção e não tem parte na vida, quando ela é alimentada com o corpo do Senhor e com o seu sangue? Que mudem a maneira de pensar, ou então se abstenham de oferecer o que acabamos de dizer! Quanto a nós, nossa maneira de pensar está de acordo com a eucaristia, e a eucaristia por sua vez, confirma nossa maneira de pensar. Pois nós lhe oferecemos o que é seu, proclamando de maneira harmoniosa a comunhão e a união da carne com o Espírito: porque assim como o pão que vem da terra, depois de ter recebido a invocação de Deus, não é mais pão comum, mas eucaristia, constituída de duas coisas, uma terrestre, a outra celeste, assim também nossos corpos que participam da eucaristia não são mais corruptíveis, pois têm a esperança da ressurreição.<sup>25</sup>

Em seguida, percebe-se, tanto em Justino, como em Cipriano e João Crisóstomo, uma compreensão do caráter sacrificial da Eucaristia na categoria de “memorial” ou “sacramento” da morte sacrificial de Jesus, explicando ao mesmo tempo a unicidade radical e a continuidade deste sacrifício que na cruz foi de Cristo e que agora o é também da Igreja que o celebra. Sendo assim, em vez dos sacrifícios de animais pagãos ou do AT, os cristãos oferecem a própria vida como verdadeiro culto a Deus fazendo o memorial do único sacrifício de Cristo. José Aldazábal esclarece o sentido de sacrifício aplicado à Eucaristia nestes termos:

Por isso a Eucaristia pode chamar-se legitimamente “sacrifício”, o “sacrifício puro” de que falava o profeta Malaquias. É o sacrifício único de Cristo, que se faz presente de um modo sacramental, em nossa celebração. A ideia central da doutrina eucarística da era patrística, sobretudo dos Padres gregos, pode-se dizer que é o conceito de “memorial-anamnese”<sup>26</sup>.

Santo Agostinho por sua vez, se atém à relação entre eucaristia com o corpo da Igreja, destacando os símbolos e o realismo sacramental. Para o bispo de Hipona o sacrifício de Cristo é também o sacrifício da Igreja.<sup>27</sup>

Em síntese, os documentos antigos expressam a eucaristia em quatro polos elementares: a eucaristia e a comunhão eclesial, a eucaristia como sacramento do corpo e

---

<sup>24</sup> DIDAQUÉ. **O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 17. ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 27.

<sup>25</sup> IRENEU, CH IV, 17-5 e 18,1, Rousseau apud BOURGEOIS, 2013, p. 76.

<sup>26</sup> ALDAZÁBAL, J. **A Eucaristia**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 169.

<sup>27</sup> AGOSTINHO, S. **A Cidade de Deus: contra os pagãos**, Parte I. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2012.

sangue de Cristo entregue aos fiéis, a eucaristia como sacrifício divino e a eucaristia como obra realizada pelo poder do Espírito Santo.<sup>28</sup>

Destarte, ao analisar as catequeses dos Padres da Igreja percebe-se que eles acreditavam que o sacrifício de Cristo subsiste sob três modos diferentes: é a mesma ação sacerdotal que aconteceu em um momento preciso da história, que está eternamente no céu e subsiste sob todas as aparências sacramentais. Com isso, pode-se dizer que é a mesma ação sacerdotal do Cristo que, em sua substância, é a ação pela qual a criação atinge o seu fim, pois por ela o Cristo é perfeitamente glorificado. É essa mesma ação que, por um privilégio único, é subtraída do tempo para subsistir eternamente, no qual o sacramento torna presente em todos os tempos e lugares.<sup>29</sup>

Esta noção da participação do único sacrifício de Cristo não se deve separar da noção do alimento espiritual sob as espécies do pão e do vinho. Para os Padres da Igreja a comunhão é precisamente a forma pela qual os efeitos da participação deste sacrifício são gerados na alma de quem comunga. Deste modo, a participação da morte e da ressurreição de Cristo acontece por meio da comunhão, como afirmava Santo Ambrósio:

Todas as vezes que tu recebes [a Eucaristia], que diz o apóstolo? Todas as vezes que nós recebemos, nós anunciamos a morte do Senhor. Se nós anunciamos sua morte, nós anunciamos a remissão dos pecados. Se todas as vezes que o sangue é derramado, ele é derramado para a remissão dos pecados, eu o devo receber sempre, para que os pecados me sejam sempre redimidos.<sup>30</sup>

Deste modo, pode-se afirmar que a compreensão da celebração da Eucaristia com o caráter sacrificial está presente desde os primeiros séculos do cristianismo. A ideia do sacrifício, participação do único sacrifício de Cristo e de uma oferta de si a Deus, foi um elemento decisivo na formulação de todos os textos da celebração eucarística conhecidas atualmente. Esta concepção também permanece na Idade Média, período no qual a devoção colocou a memória da paixão de Cristo tão fortemente ao primeiro plano da celebração que não foi possível perder de vista o conceito de sacrifício pensado séculos antes das tempestades rebeldes que viriam sobre a Igreja.<sup>31</sup>

### 1.3 O santo sacrifício da Missa na doutrina da Igreja

---

<sup>28</sup> BOURGEOIS; SESBOÛÉ; TIHON, op. cit.

<sup>29</sup> DANIELLOU, J. **Bíblia e liturgia**: A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. Tradução de Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>30</sup> *De Sacramentis*. 4,28; Botte, 86-87 apud DANIELLOU, 2013, p. 159.

<sup>31</sup> JUNGSMANN, Josef A. **Missarum Sollemnia**: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2015.

Diante da profundidade do mistério eucarístico, o Papa Emérito Bento XVI pede para retomar as bases aprofundadas pela Santa Igreja referentes à Eucaristia para que possam ser preservadas de visões incompletas do próprio mistério, como aquelas que se relevaram no passado recente.<sup>32</sup> É necessário conhecer a doutrina da Igreja acerca da eucaristia, principalmente aprofundando três aspectos: sacrifício, comunhão e presença. Aqui, vai ser tratado o primeiro aspecto devido à relevância ao tema tratado.

Deste modo, a Igreja não abandonou a relação da eucaristia com o único sacrifício de Cristo. A começar pelos dados bíblicos, é clara a conexão íntima da Eucaristia com o sacrifício da cruz. Viu-se anteriormente que, a partir dos primeiros cristãos, foi sendo desenvolvida uma compreensão aprofundada desta relação. Pedro Lombardo, autor do manual fundamental da alta escolástica, ao sintetizar a doutrina da tradição, afirma que o sacerdote oferece e consagra o sacrifício, pois é memória e representação do verdadeiro sacrifício e da imolação santa feita sobre o altar da cruz. Consequentemente tudo o que é feito sobre o altar é chamado e deve ser chamado sacrifício. Cristo, porém, é imolado uma só vez e, mesmo assim, oferecido cotidianamente, só que de modo diferente da maneira como se ofereceu na única vez.<sup>33</sup>

Por sua vez, Tomás de Aquino continua na mesma compreensão. Entre os vários nomes que podem ser dados, o dominicano menciona em primeiro lugar o de “sacrifício”, já que é comemorativo da paixão do Senhor. O doutor angélico trata a Eucaristia como sacrifício porque é representação do único sacrifício de Cristo. Os comentaristas discutem se essa representação quer expressar um tornar presente o mesmo e único sacrifício de Cristo.<sup>34</sup> São Tomás também recorre à categoria de sacrifício para exprimir a grande caridade com que, na morte, Jesus se ofereceu para reconciliar o homem com Deus.<sup>35</sup>

Esta doutrina sobre o sacramento da Eucaristia como sacrifício foi substancialmente conservada e transmitida no decorrer dos séculos posteriores. Mas, para o teólogo Nenheuser foi cada vez mais ficando em primeiro plano a admiração que adora a presença real como alimento e conforto e vai se perdendo a compreensão correta do significado real da Eucaristia:

[...] para Ockham e os outros teólogos da escolástica tardia, isto significa muitas vezes que o interesse teológico se vai concentrando em grau crescente na doutrina da transubstanciação e, dentro dela, nas questões filosófico-especulativas da relação entre substâncias e *quantitas*. A compreensão correta do significado da realidade sacramental começa a desaparecer de maneira espantosa. Falta por completo uma

---

<sup>32</sup> PAPA BENTO XVI, Papa. **Um caminho de fé antigo e sempre novo**: o ano litúrgico pregado por Bento XVI, tomo II: ano B. Tradução oficial da Santa Sé. São Paulo: Molokai, 2017. (Coleção Ratzinger, 4).

<sup>33</sup> NENHEUSER, op. cit.

<sup>34</sup> ALDAZÁBAL, op. cit.

<sup>35</sup> IAMMARRONE, op. cit.

discussão sobre o caráter sacrificial. O assunto é deixado à piedade, limitando-se os autores no máximo a abordar algumas questões casuísticas e rubricistas.<sup>36</sup>

Apesar de tudo, a doutrina da missa como sacrifício continua a sobreviver. O fiel católico continuava a alegrar-se por participar da missa como sacrifício, como o seu sacrifício, mediante o qual encontra acesso ao único sacrifício de Jesus Cristo na cruz porque é encontrada a mesma convicção nas formulações do Magistério.

O Concílio de Trento teve que responder aos reformadores que negavam o caráter sacrificial da Eucaristia, sublinhando a unicidade do sacrifício de Cristo e rejeitando uma fé que consiste em oferecer coisas a Deus, quando o próprio dos cristãos é dar graças a Deus pelo único sacrifício de Cristo. O Concílio Ecumênico afirmou que, apesar de ser único o sacrifício de Cristo, foi ele mesmo que recomendou à sua Igreja que celebrasse o memorial desse sacrifício, a Eucaristia, pelo qual se torna presente e se aplica a força salvadora da cruz.<sup>37</sup>

Jungmann observa o quanto o Concílio de Trento foi claro na definição da missa como um sacrifício associando o ato salvífico de Cristo com o sacrifício de serviço da Igreja:

O Concílio ressalta que a missa não é apenas mera refeição e não somente a celebração da memória de um sacrifício que aconteceu, ela mesma é um verdadeiro sacrifício que também possui poder expiator e intercessor. Cristo o ofereceu na última ceia e deu aos apóstolos e seus sucessores a ordem de oferecê-lo. Sim, ele mesmo o oferece através do serviço deles. Assim, ele deixou um sacrifício visível para sua noiva amada, a Igreja. Portanto, a missa é um sacrifício que é oferecido por Cristo, mas, ao mesmo tempo, pelas pessoas que receberam sua ordem; ela é o *sacrifício de Cristo* e o *sacrifício da Igreja*.<sup>38</sup>

Contudo, nos textos litúrgicos da missa romana não está nítida a ideia de que é a Igreja, o novo povo de Deus, que na missa oferece o sacrifício a Deus. Que a missa como o sacrifício de Cristo é um pressuposto no ordinário romano da missa, mas em nenhum momento é dito explicitamente nos seus textos oficiais para o culto divino. Preferencialmente, eles abordam apenas o aspecto de que, em nossos altares, Cristo renova de modo incruento sua paixão e morte, se torna presente, é a renovação do seu sacrifício oferecido ao Pai Celeste na cruz. Mas, apesar de estar tão clara esta definição da Igreja, dificilmente se fala neste contexto da parte da comunidade eclesial.<sup>39</sup> Mesmo assim, no terceiro capítulo serão indicadas algumas referências deste aspecto, nas orações eucarásticas.

O Concílio de Trento identifica como intenção de Jesus na última ceia, deixar nela para a sua Igreja, segundo aquilo que exige a natureza humana, um sacrifício visível, como viu

---

<sup>36</sup> NENHEUSER, op. cit.

<sup>37</sup> ALDAZÁBAL, op. cit.

<sup>38</sup> JUNGSMANN, op. cit., p. 194.

<sup>39</sup> Ibidem.

desde os tempos antigos. Deste modo, a Igreja deve ter este sacrifício e nele satisfazer o desejo da natureza humana de honrar Deus por meio de sacrifício.<sup>40</sup>

Vale também ressaltar a clareza nas declarações do Concílio Tridentino a respeito da Eucaristia como sacrifício visível e propiciatório:

E, como neste divino sacrifício que se realiza na Missa está contido e é incruentamente imolado o mesmo Cristo que se ofereceu, uma vez <por todas>, de maneira cruenta no altar da cruz [cf. Hb 8,14.27ss], o santo Sínodo ensina que este sacrifício é verdadeiramente propiciatório [cân. 3]; se, com o coração sincero e a reta fé, com temor e reverência, contritos e penitentes, nos aproximamos de Deus, “obtemos” por ele “misericórdia e encontramos a graça por um auxílio oportuno” [Hb 4,16]. Aplacado por esta oblação, o Senhor, concedendo a graça e o dom da penitência, perdoa os crimes e os pecados, por grandes que sejam. Com efeito, uma só e mesma é a vítima, pois quem agora se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz; só o modo de oferecer é diferente.<sup>41</sup>

Sendo assim, o sagrado Concílio define de forma clara e objetiva alguns pontos cruciais da doutrina católica acerca da eucaristia. Entre eles, pode-se destacar: na missa se oferece a Deus um sacrifício no sentido verdadeiro e próprio e o ser oferecido é Cristo dado aos fiéis em alimento. Também vale destacar que o sacrifício da missa não é apenas louvor e ação de graças, ou uma mera comemoração do sacrifício realizado na cruz. Mas é sacrifício propiciatório, ou seja, se aproveita a quem o recebe e se deve oferecer pelos vivos e pelos mortos, como também pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades.<sup>42</sup>

Desta forma, pode-se perceber quanto o sacramento da eucaristia está no centro do setenário devido precisamente a sua grande diferença em relação aos demais. Diferença expressa na sua instituição imediata de Jesus, realizada antes da sua morte. Porém, existe uma diferença fundamental: a eucaristia contém Jesus, o seu ser e a sua vida, realidade inexistente nos outros sacramentos. Essa presença sacramental de Cristo sob a espécie eucarística foi contestada em diversas ocasiões ao longo da história, fato que levou a história dogmática da eucaristia a uma posição radical e global referente a esse sacramento: Cristo está presente verdadeiramente no sacramento da eucaristia. Nesse contexto o termo *transubstanciação* foi fundamental para o desenvolvimento da teologia eucarística.<sup>43</sup>

À vista disso, vale ressaltar que a presença de Cristo na Eucaristia possui uma relação íntima e fundamental com o mistério da Sua Páscoa. Na eucaristia Jesus é ao mesmo tempo oferta e sacrifício, mas também permanece ressuscitado de maneira definitiva. Tais realidades

---

<sup>40</sup> DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução de José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 447.

<sup>42</sup> *Ibidem*.

<sup>43</sup> BOURGEOIS; SESBOÛÉ; TIHON, op. cit.

não se opõem, antes se completam e evidenciam o valor profundo de tal sacramento. Além disso, vale destacar, mais uma vez, o valor do sacrifício que está contido na eucaristia que não é outro senão aquele único oferecido uma vez por todas:

A missa não repete nem renova o dom que Jesus fez de sua vida, ela o “representa” ou “torna presente” e o atualiza, quer dizer, o faz intervir em nossa própria história, conforme o sentido forte do termo “memorial”. Ela permite que o sacrifício de Cristo intervenha em nosso tempo de maneira eficaz, “propiciatória”, [...]. Nesse sentido, a eucaristia tem uma eficácia real, não apenas uma significação importante. Ela é, por conseguinte, um verdadeiro sacramento: efeito e significação vão a par.<sup>44</sup>

Essa participação na única oferenda de Cristo produz nos que creem os seguintes efeitos: a união com Cristo, união santificadora, a renovação espiritual, a glorificação de Deus, o perdão dos pecados e por fim, garante aos fiéis o verdadeiro discipulado de Cristo e uma autêntica expectativa pelo dia do Senhor.<sup>45</sup>

Com esta luz de reflexão a Igreja continuou no decorrer dos anos. Prova disso é a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*, documento referente à sagrada liturgia do Concílio Vaticano II. O documento do Magistério apresenta a síntese à qual lentamente se chegou na discussão teológica desenvolvida depois do Concílio de Trento:

Na Última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de Seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz, confiando destarte à Igreja, Sua dileta Esposa, o memorial de Sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória.<sup>46</sup>

Estas palavras do Magistério são evidenciadas também na Instrução geral sobre o Missal Romano, que é o grande diretório para o bom funcionamento do culto divino e também serve para salvaguardar a participação ativa de cada membro católico, devolvendo-o à consciência daquilo que está participando.

Assim sendo, a missa é, simultânea e inseparavelmente: o sacrifício em que se perpetua o sacrifício da cruz; memorial da morte e da ressurreição do Senhor; sagrado banquete em que, por meio da comunhão do corpo e sangue do Senhor, os fiéis participam dos bens do sacrifício pascal, renovando o novo pacto estabelecido uma vez para sempre no sangue de Cristo por Deus com os homens. Também na fé e na esperança prefiguração e antecipação do banquete escatológico no reino do Pai, a Igreja vive anunciando a morte do Senhor até que ele volte.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> BOURGEOIS; SESBOÛÉ; TIHON, op. cit., p. 267.

<sup>45</sup> Ibidem.

<sup>46</sup> CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II:** Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 279.

<sup>47</sup> NENHEUSER, op. cit.



Nos próprios dados litúrgicos percebe-se a formulação da oração eucarística neste sentido sacrificial. Por exemplo, na primeira anáfora da história, aquela associada a Santo Hipólito, se expressa a relação entre memória e oferenda: “Celebrando, pois, a memória de sua morte e ressurreição, nós te oferecemos este pão e este cálice”. Deste modo, o cristão oferece enquanto faz memorial e faz memorial, não só recordação, oferecendo.<sup>48</sup>

Vale também ressaltar dois documentos papais que abordam o caráter sacrificial da Eucaristia: a Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* de João Paulo II e a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* de Bento XVI.

O Papa João Paulo II salienta o importante papel doutrinal do Concílio de Trento colocando-o como ponto de referência dogmático para a incessante renovação e crescimento do povo de Deus na sua fé e amor à Eucaristia. Deste modo o Santo Padre destaca e atualiza para os dias atuais esta dimensão tão importante para a celebração eucarística:

A missa torna presente o sacrifício da cruz; não é mais um, nem o multiplica. O que se repete é a celebração memorial, a exposição memorial, de modo que o único e definitivo sacrifício redentor de Cristo se atualiza incessantemente no tempo. Portanto, a natureza sacrificial do mistério eucarístico não pode ser entendida como algo isolado, independente da cruz ou com uma referência apenas indireta ao sacrifício do Calvário. [...] Em virtude da sua íntima relação com o sacrifício do Gólgota, a Eucaristia é sacrifício em sentido próprio, e não apenas em sentido genérico como se se tratasse simplesmente da oferta de Cristo aos fiéis para seu alimento espiritual.<sup>49</sup>

Por último, vale ressaltar o riquíssimo documento do Papa Bento XVI. O pontífice sobrealça a oportunidade de cada fiel tem de participar de forma íntima daquele mesmo sacrificial de Cristo no alto do madeiro:

Com a sua palavra e com o pão e o vinho, o próprio Senhor nos ofereceu os elementos essenciais do culto novo. A Igreja, sua Esposa, é chamada a celebrar o banquete eucarístico dia após dia em memória d’Ele. Deste modo, ela insere o sacrifício redentor do seu Esposo na história dos homens e torna-o sacramentalmente presente em todas as culturas. Este grande mistério é celebrado nas formas litúrgicas que a Igreja, guiada pelo Espírito Santo, desenvolve no tempo e no espaço.<sup>50</sup>

Portanto, como pode ser verificado no linear teológico da Santa Igreja a presença do caráter sacrificial da Eucaristia sempre esteve presente e no decorrer dos tempos foi esclarecendo a sua importância. Deste modo, pode-se dizer que a Eucaristia é o único sacrifício de Cristo, o da cruz, tornado presente por ele nos nossos dias.

---

<sup>48</sup> ALDAZÁBAL, op. cit.

<sup>49</sup> JOÃO PAULO II, Papa. **Ecclesia de eucharistia**: Carta encíclica aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003, n. 12-13, p.

<sup>50</sup> BENTO XVI, Papa. **Sacramentum Caritatis**: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007, n. 12.

## 2 A Missa como um sacrifício

A celebração da Santa Missa sempre teve um valoroso papel na doutrina da Igreja, afinal desde os primeiros fiéis, o culto era a participação direta na história da salvação por meio de Jesus Cristo e encontro com o ato redentor. Portanto, pode-se afirmar que a Missa sempre foi o centro de todo o complexo litúrgico da Igreja e sempre ela teve este importante destaque. O monge beneditino Cipriano Vagaggini destaca a importância da Missa ao dizer que ela é ao mesmo tempo sacramento e sacrifício:

Como sacramento, contém e comunica a quem recebe Cristo em pessoa, divindade e humanidade, corpo e alma, autor último de toda santificação como Deus, mediador universal de toda santificação como homem. Enquanto sacrifício é o sacrifício do próprio Cristo, fonte primária, suma expressão e ponto de referência de todo culto dos homens a Deus. Sacrifício que Cristo mesmo, pelo ministério do sacerdote, oferece a Deus e toda a Igreja faz seu como expressão máxima do seu culto, enquanto o oferece com o sacerdote junto com Cristo e oferece a si mesma em sacrifício com ele. Assim, na missa, sob o véu dos sinais eficazes se realiza em grau máximo possível a santificação que Deus opera na Igreja em Cristo e o culto que a Igreja, em Cristo, presta a Deus. Ou seja, todo o sentido da liturgia. A missa é, portanto, o primeiro e o máximo dos sinais sagrados eficazes sob cujo véu, de Pentecostes à parusia, se realiza o encontro entre o homem e Deus.<sup>51</sup>

Destarte, a celebração da Eucaristia se constitui no centro da vida cristã, é deste lugar que a Igreja anuncia, orienta e conduz ao que a celebração eucarística tem de tão sublime: a celebração da vida, morte e ressurreição de Cristo. O próprio Papa Bento XVI na sua exortação apostólica pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* afirma que a Eucaristia é o sacramento vivo no qual se expressa e está presente o Mistério Pascal de Cristo. Nela toda a Igreja encontra o seu centro vital, do qual nasce e acontece a comunhão com Cristo, cabeça da Igreja.<sup>52</sup>

Para o teólogo alemão não se pode definir de qualquer modo o sacramento da Eucaristia segundo os conceitos humanos, pois foi o próprio Jesus que o definiu, e é por essa razão que o sacramento do Amor se apresenta diante dos seus como seu Senhor, sobre o povo e no meio deles. Ao instituir a Eucaristia, Cristo antecipa a sua morte, converte esta morte em acontecimento de amor, ele foi capaz de transformar o absurdo do seu fracasso no sentido novo para cada homem.<sup>53</sup>

Por conseguinte, no decorrer dos séculos a doutrina sobre o sacramento da Eucaristia como sacrifício foi substancialmente conservada e transmitida. Mas, dentro da perspectiva geral da teologia eucarística, a partir da Idade Média, foi se delineando, a partir da admiração ante a presença real, a teologia da transubstanciação e, dentro dela, nas questões filosóficas. Deste

---

<sup>51</sup> VAGAGGINI, op. cit.

<sup>52</sup> BENTO XVI, 2007, op. cit.

<sup>53</sup> RATZINGER, 2019, op. cit.

modo, o caráter sacrificial na Eucaristia começa a ficar apenas no contexto da piedade, limitando a reflexão teológica a respeito desta importante faceta da doutrina eucarística.<sup>54</sup>

Contudo, a doutrina da Missa como sacrifício continua a sobreviver. Diante da realidade dos teólogos da escolástica tardia, não tratando a missa como sacrifício surgem nos meados do século XV numerosas e amplas explicações da missa. Nenheuser ratifica o conteúdo dos sermões deste período:

[...] surgem muitas vezes em primeiro plano questões periféricas, enquanto o método alegórico domina toda a exposição. Mesmo assim, em tais explicações da missa historicamente condicionadas permanece (apesar de frágil) a correta ideia fundamental de que a missa é a re-apresentação da morte redentora de Cristo. As pregações (sobre a missa), com poucas exceções, tornam-se repetições áridas de explicações seculares e, com demasiada frequência, apresentam-se misturadas com opiniões supersticiosas e com histórias milagrosas problemáticas; tais explicações não se mostram adequadas para inflamar os corações nem para promover a reta compreensão do significado da missa. O tema dos frutos da missa, tratado de preferência nos sermões daquele tempo, contribuía pouco para a instrução dos fiéis, e o método seguido no caso não era destituído de perigos para a vida religiosa do povo. Com efeito as exaltações da missa como meio infalivelmente eficaz em todas as necessidades corporais e espirituais não promoviam a tensão moral dos ouvintes, e constituíam em geral motivo de escândalo para todos os que procuravam refletir de maneira mais séria.<sup>55</sup>

Deste modo, o presente capítulo quer abordar a problemática com Martinho Lutero ao não reconhecer o caráter sacrificial da Eucaristia. Como também será destacado a doutrina sacrificial nas sessões do Concílio de Trento e a crítica tão atual de Joseph Ratzinger a respeito da posição reducionista de líder protestante.

## 2.1 A problemática com Lutero

A decadência da disciplina eclesiástica, o conflito surgido a partir do Cisma do Oriente e a falta de uma séria reforma sistemática prepararam o contexto para o surgimento de alguns movimentos populares, que podem ser considerados precursores da famosa Reforma Protestante. Pode-se destacar a figura de João Wiclef (1320-1384), sacerdote e professor da universidade de Oxford. O religioso inglês sustentava que o poder temporal e as riquezas são massacrantes para a Igreja e, assim, as propriedades da Igreja deveriam pertencer ao Estado e estes manteriam os eclesiásticos. Além de chamar as ordens religiosas de seitas, também criticou as ofertas pelas indulgências, chamando-as de simonia.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> NENHEUSER, op. cit.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 1076.

<sup>56</sup> DANIEL-ROPS. **Igreja da renascença e da Reforma I: A Reforma Católica**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1996. v. 5.

A respeito da Eucaristia, Wiclef também a atacou de forma violenta. Daniel-Rops detalha a sua tese em relação ao sacramento do amor:

Wiclef não negava abertamente a Presença real, mas apenas a transubstanciação. Para ele, eram duas coisas diferentes. Mas em que consiste essa doutrina do “realismo”? Não me parece que posso haver outro realismo a não ser o “realismo metafísico”, que é o de São Tomás, e que é o oposto do nominalismo de Ockham. Wiclef pensava que, depois da consagração, o pão e o vinho conversam a sua substância e os seus acidentes, e que, na comunhão, o fiel recebe o corpo do seu Salvador apenas em sentido figurado e sacramental, por uma via espiritual. Por conseguinte, interpretava as palavras de Cristo na Última Ceia unicamente em sentido simbólico, e era nesse sentido simbólico que declarava admitir a presença de Cristo na Eucaristia. Para nos expressarmos com exatidão, rejeitava a Presença real *identice et realiter* (de maneira idêntica e real), o que supõe que admitia a presença real *analogice et modo incorpóreo* (analogamente e de modo incorpóreo).<sup>57</sup>

Deste modo, já na doutrina do sacerdote inglês acerca da Eucaristia percebe-se uma ruptura a elementos cruciais na profissão de fé da doutrina católica. Pois, a Igreja sempre evidenciou a Presença real de Jesus na Eucaristia e que as palavras de Jesus na Ceia, usadas na consagração das ofertas, não têm valor simplesmente simbólico. Mas, acontece nesta hora a transformação da substância das oferendas.

Encontram-se marcas destas teses na doutrina de Martinho Lutero (1483-1546), sacerdote agostiniano e professor de Teologia e Bíblia na universidade de Wittenberg. Seu conflito com a Igreja surgiu a partir da sua rebelião contra as indulgências. Em uma véspera da festa de Todos os Santos ele fixa na entrada da Igreja da universidade as suas 95 teses abordando o valor das indulgências, das penitências, da pena, da culpa, do purgatório e até do primado do papa. A Santa Igreja condena as suas teses e o excomunga, já que ele não se submeteu à Roma. Lutero com as suas críticas a Igreja provocou reações a favor e contra.<sup>58</sup>

O historiador italiano Giacomo Martina traçou alguns fatores da vida pessoal do monge agostiniano que poderia ter influenciado a sua mudança psicológica e a nova formulação da sua doutrina:

Vários fatores, entre os quais sobretudo a experiência interior do jovem religioso e a sua formação teológica unilateral, tiveram influência decisiva sobre esse processo. Depois de um período de tranquilo fervor, que lhe granjeou a estima de seus confrades e lhe obteve cargos de confiança no seio da ordem, em Wittenberg, Lutero caiu num estado de profunda inquietação, por medo de não poder se livrar do pecado e de ser incluído no número dos condenados. Provavelmente contribuíram para que se criasse essa angústia, de um lado, o excessivo trabalho e a propensão à melancolia, herança familiar, e, de outro, o occamismo de que ele estava imbuído, com a exagerada importância dada à vontade humana, que deveria encontrar forte ressonância em seu espírito, habituado desde a adolescência a uma severa educação moral.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> DANIEL-ROPS, op. cit., p. 153.

<sup>58</sup> MARTINA, G. **História da Igreja**: de Lutero a nossos dias – A era da Reforma. 5. ed. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 124.

Deste modo, no início Lutero interessava-se pessoalmente pela questão da justificação, questão que o levou a buscar modos e meios para certificar-se de que sua posição diante de Deus era correta ou justa. Seguindo as práticas costumeiras de mortificação, oração e confissão sacramental para obter a paz na consciência, até porque vivia conforme um monge agostiniano, ele continua oprimido pelo sentimento de sua própria pecaminosidade. Não lhe era estanha a dificuldade em distinguir a concupiscência e a tentação do pecado e do consentimento, e a tendência em chegar a uma experiência sensível de uma realidade totalmente interior e espiritual.<sup>60</sup>

Utiliza-se o termo “luteranismo” ao conjunto de pensamento e prática teológica que tiveram sua origem na vida e na obra de Martinho Lutero. O estimado historiador italiano sintetiza esta doutrina em três pontos essenciais: só na escritura (*sola Scriptura*), só na fé (*justificativo sola fide*) e só na graça (*sola gratia*).

Partindo de um ataque crítico à escolástica decadente de seu tempo ele quis pôr a Escritura no centro do pensamento cristão, assim ficariam excluídas a Tradição e o Magistério. Para o monge alemão a natureza humana, depois do pecado original, está intrinsecamente corrompida. Assim, o homem perdeu sua liberdade e todas suas obras são pecados, até as que aparentemente sejam boas. Porém, Deus sem cancelar os pecados, lhe dá os méritos e a santidade de Cristo e o considera justo. Ou seja, para Lutero só por meio da justificação de Cristo o fiel alcança a fé. E, por fim, vale ressaltar o repúdio de qualquer mediação externa instituída pelo homem, reforçando o conceito fundamental da relação direta do Senhor com cada fiel em particular. Assim, ele rejeita a hierarquia tradicional, o primado papal e, principalmente a Missa como sacrifício.<sup>61</sup>

O frei Kevin McMorrow apresenta a justificação e a fé como os dois temas dominantes que caracterizam a teologia luterana. E sintetiza destes temas da seguinte forma:

[...] Deus declara justificados os que se apoiam unicamente na obra da redenção de Cristo (*Solus Christus – solo fides*). A justificação de Cristo que alcança o crente é descrita nos escritos luteranos como justiça “imputada” ou “alheia”. Vivendo de acordo com a justiça de Cristo ou sob seu poder, o cristão é poupado de indagar ansiosamente se fez o bastante para obter o favor de Deus. As obras de Caridade e outros atos virtuosos são vistos como fruto da justificação e não como causas desta. Consequentemente, o luteranismo considera que a justificação unicamente pela fé, com todas as suas implicações, é uma poderosa defesa contra qualquer forma de pelagianismo.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Ibidem.

<sup>62</sup> MCMORROW, K. Luteranismo. In: PACOMIO, L; MANCUSO, V (Dir.), op. cit., p. 452.

O teólogo José Aldazábal define com uma certa clareza a ideia de Lutero a respeito do culto e, conseqüentemente a respeito da celebração eucarística como sacrifício. Sintetizando o pensamento luterano a respeito das realidades católicas a partir da ideia nominalista que o próprio monge agostiniano havia estudado, Aldazábal afirma:

Para ele o cristianismo não pode ser entendido como “oferecer” algo a Deus (“*sacrificium*”), mas como “receber dele”, que é o único que nos dá sua graça (“*beneficium*”). Em sentido ascendente, o único que ofereceu algo a Deus é Cristo. Nós, em todo caso, só oferecemos o “sacrifício de louvor e ação de graças”. A fé cristã não se baseia em “obras”, mas só na graça e só na fé. Assim recusa, pouco a pouco, todas as “mediações” eclesiais: sacerdócio, santos, a Virgem. E rejeita também o “cânion” romano da missa, precisamente por sua insistência em oferecer.<sup>63</sup>

Com base nas ideias supracitadas pode-se anexá-las à doutrina da Eucaristia. Para Lutero, não há verdadeiramente sacrifício na missa e muito menos transubstanciação. Cristo está presente na hóstia, com o pão, no pão, mas sem que o pão se transforme no seu corpo. Este fato chama-se de *empanação* ou *consubstanciação*. Sendo assim, ele acredita que a Eucaristia é a Ceia de Senhor, sacramento que possui a presença real de Jesus. Mas, é apenas ação de graças pelo sacrifício da cruz, mas jamais um sacrifício oferecido pela Igreja, porque isto consideraria uma obra de autojustificação. E segundo a sua doutrina da justificação, o pecado feriu a natureza humana de forma que privou completamente a liberdade, tornando o homem incapaz de qualquer ato bom.<sup>64</sup>

Sendo assim, Lutero enxerga no acontecimento histórico da cruz a morte expiatória em que Cristo carrega sobre si todos os pecados do mundo. Para ele, o pecador continua a ser pecador porque o pecado está na sua natureza, mas Deus já não lhe condena devido a sua fé nele. Nesta perspectiva, pode-se compreender melhor o porquê é inadmissível para o monge agostiniano assumir a missa como sacrifício, pois não há como constituir daquele mesmo acontecimento, é apenas uma ação de graças daquele acontecimento histórico. No seu panfleto *De captivitate babilonica*, ele é bastante claro em não aceitar tal mistério: “O abuso mais ímpio e vindo já de longo tempo, que levou a fazer que hoje na igreja talvez nenhuma opinião seja mais difundida e defendida do que aquela segundo a qual a missa seria obra boa e sacrifício”<sup>65</sup>.

Lutero, portanto, combate a concepção de sacrifício da Missa defendendo a unicidade e a não repetibilidade do sacrifício único da cruz e a sua presença no memorial da Igreja. Em uma outra obra critica claramente os sacerdotes católicos com os seguintes termos:

Dizei-nos, sacerdotes de Baal, onde está escrito que a missa é sacrifício? Ou onde está dito que Cristo ensinou que é necessário sacrificar a Deus o pão e o vinho bentos? Não estais ouvindo? Cristo sacrificou-se a si mesmo uma só vez, não quer continuar

<sup>63</sup> ALDAZÁBAL, op. cit., p. 196.

<sup>64</sup> NENHEUSER, op. cit.

<sup>65</sup> Opera latina 5 (1868), 28-35 apud NENHEUSER, op. cit., p. 1076.

a ser sacrificado por algum outro; quer que se faça a memória do seu sacrifício. Como podeis, então ser tão audaciosos a ponto de fazer do memorial um sacrifício? Temo, e mais: infelizmente sei, que o vosso sacrifício é um sacrificar Cristo novamente.<sup>66</sup>

Estas acusações levantadas a partir de Lutero estavam dirigidas contra os pontos questionáveis na prática eclesial em torno da missa. Como, por exemplo, os frutos da missa, missas votivas de valor diferenciado, abuso do dinheiro cobrado para celebrar e, assim, foram indo além. O Jesuíta Josef Jungmann sintetiza a doutrina de Lutero a respeito da Missa da seguinte maneira:

Na base do princípio “Somente a Bíblia”, Lutero nega o caráter de sacrifício da eucaristia e acredita ter acertado com isso a raiz do mal: a eucaristia seria somente “testamento”, legado e benefício para nós, e como tal – assim sua conclusão precipitada – de modo algum “benefício” ou obra que nós oferecemos a Deus e por meio da qual poderíamos “ganhar algum mérito” diante dele, muito menos em favor de outras pessoas. Por isso, a missa não podia ser lida nem em favor de pessoas vivas nem mortas; todas as orações da liturgia da missa que falariam disso e do sacrifício em geral, sobretudo o cânon, seriam ingredientes humanos maus e deveriam ser eliminadas.<sup>67</sup>

Desta forma, os ataques de Lutero se tornaram especialmente eficiente porque a missa, principalmente a missa pelas almas, foi apresentada como exploração do povo. O efeito realmente foi devastador, pois o povo tinha um baixo nível da educação religiosa e a crítica protestante começou a crescer o desprezo pela missa e aumentou a falta de consciência daquilo que o fiel poderia participar. Foi necessário que a Igreja reagisse para confirmar a sua doutrina e novamente defender aquilo que nunca havia se distanciado da sua história, pois afinal a Igreja é a portadora da verdade de Cristo.

## **2.2 A doutrina do sacrifício da Missa no Concílio de Trento**

Diante de um contexto de conflitos internos e externos na Igreja, o Papa Paulo III convocou o Concílio Ecumênico de Trento em 1545, como tentativa para renovar o campo católico. Teve o objetivo de fixar as corretas fórmulas da fé católica e promover uma renovação aos fiéis, combatendo diretamente os problemas da época. O Concílio pronunciou-se, por exemplo, sobre o valor das Sagradas Escrituras e da Sagrada Tradição, sobre o pecado original, a problemática da justificação e, também, defendendo a doutrina dos santos sacramentos. Foi o mais longo Concílio da história (18 anos), com várias interrupções.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> Vom Missbrauch der Messen (1522) apud NENHEUSER, op. cit., p. 1076-1077.

<sup>67</sup> JUNGSMANN, op. cit., p. 147.

<sup>68</sup> MARTINA, op. cit.

Aqui vale destacar o segundo período do Concílio (sessões XXI – XXVI), no qual as sessões inferem uma solidez dogmática ao sacramento da Eucaristia. Teve o objetivo de formar os fiéis para solidificar a doutrina eucarística ao ponto de exortar a não acreditar, nem ensinar qualquer realidade sobre a Eucaristia diferente daquilo que foi exposto e definido no sagrado Concílio.<sup>69</sup>

Os padres conciliares formularam as decisões a respeito da Sagrada Eucaristia com perspectivas claras, para resolver problemas pontuais da época e evidenciar o essencial do sacramento. José Aldazábal sintetiza o quanto o Concílio teve que tratar ao mesmo tempo da teologia e da práxis da celebração eucarística para harmonizar o ambiente da Igreja:

Por isso, as sessões XIII e XXI versaram sobre a Eucaristia com sacramento, e a sessão XXII, como sacrifício. Isto, teria imediatamente consequências evidentes da teologia escolástica. Hoje consideramos a Eucaristia como “sacramento do sacrifício” ou, se quisermos, como “sacrifício sacramental”, mas sem separar os dois aspectos, em linha com a doutrina dos Padres.<sup>70</sup>

A sessão XXII é formada por duas partes, a primeira constitui nove capítulos que apresentam de forma dogmática o ensinamento da Igreja a respeito da Missa enquanto sacrifício e necessariamente a sua relação com o sacrifício de Cristo na cruz. Já a segunda parte é formada pelos cânones que sancionam a doutrina enunciada nos capítulos. Os padres conciliares elaboram a doutrina sobre o sacrifício da missa à luz do sacrifício de Cristo, evidenciando a unicidade e a suficiência do acontecimento na cruz. A relação que o sacrifício eucarístico tem com o sacrifício da cruz é apresentada pelos termos representação (*representatio*), memorial (*memoria*) e aplicação (*applicatio*).<sup>71</sup>

O presente Concílio responde claramente às posturas de Lutero e dos outros reformadores, tanto no que diz respeito à celebração como à teologia eucarística. Como por exemplo, a reserva eucarística e o culto eram considerados por eles como idolatria e como uma inovação que o Novo Testamento não admitia. Os padres decidem e registram no cânon 4 da sessão XIII sobre esta realidade:

Se alguém disser que, depois da consagração, o corpo e o sangue de nosso Senhor Jesus Cristo não estão no admirável sacramento da Eucaristia, mas <que estão> somente no uso, enquanto são recebidos, porém não antes nem depois, e que o verdadeiro corpo do Senhor não permanece nas hóstias ou partículas consagradas que se guardam ou que sobram depois da comunhão: seja anátema.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> DAVIS, M. **A Reforma Litúrgica de Cranmer**: A destruição do catolicismo por meio da mudança litúrgica. Tradução de Fabiano Rollim. Niterói: Permanência, 2017.

<sup>70</sup> ALDAZÁBAL, op. cit., p. 191.

<sup>71</sup> DENZINGER, op. cit.

<sup>72</sup> DENZINGER, op. cit., p. 425.



Deste modo, os padres conciliares respondem às três negações dos reformadores: que a presença de Cristo não permanece depois, que não é para ser adorada e que não é para ser guardada no tabernáculo. Portanto, a presença de Cristo não se encontra somente durante a celebração, mas também depois e é coerente o culto de adoração a Cristo. Ou seja, não se pode dizer que os adoradores são idólatras e seja ilícito levar a Eucaristia para os enfermos.

Tendo como pano de fundo a grande crítica protestante à noção de sacrifício da Eucaristia a partir daquilo que Lutero definiu do sacramento e a respeito do seu pensamento sobre a justificação, pode-se entender a sessão XXII do Concílio, na qual foi tratado o tema do sacrifício da Missa. Por conseguinte, a santa Igreja declara oficialmente que a Missa é um sacrifício verdadeiramente propiciatório e que se trata do mesmo sacrifício oferecido no calvário, agora oferecido de forma incruenta:

E, como neste divino sacrifício que se realiza na Missa está contido e é incruentamente imolado o mesmo Cristo que se ofereceu, uma vez <por todos>, de maneira cruenta no altar da cruz [cf. Hb 9, 14.27ss], o santo Sínodo ensina que este sacrifício é verdadeiramente propiciatório [cân. 3]; se, com o coração sincero e a reta fé, com temor e reverência, contritos e penitentes, nos aproximamos de Deus, “obtemos” por ele “misericórdia e encontramos a graça por um auxílio oportuno” [Hb 4, 16]. Aplacado por esta oblação, o Senhor, concedendo a graça e o dom da penitência, perdoa os crimes e os pecados, por grandes que sejam. Com efeito, uma só e mesma é a vítima, pois quem agora se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz; só o modo de oferecer é diferente.<sup>73</sup>

Sendo assim, a Missa não é uma repetição do sacrifício da cruz e tampouco um suplemento deste. Fazendo esta declaração oficial, a Igreja respondia à crítica de Lutero e dos outros reformadores que entendiam a Missa como um sacrifício humano, acrescentado à insuficiência do sacrifício da cruz ou a sua repetição pelo fato de ser ineficaz. Trento faz a distinção sobre o modo como acontecem ambos os sacrifícios: na cruz foi de forma cruenta e na Eucaristia incruento, mas deixa claro que Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o sacerdote e a vítima. Ou seja, o que é diferente é o modo da oferenda: *ratio offerendi diversa*.<sup>74</sup>

O Concílio também expõe a doutrina eucarística recorrendo ao caráter memorial do sacrifício eucarístico, uma vez que Lutero entendia memorial como um anúncio, um louvor, algo muito mais frágil do que aquilo que o NT e os padres abordam. Para Lutero, a Eucaristia não é sacrifício porque é memorial. Já para Trento, a Eucaristia é sacrifício precisamente porque é memorial, trazendo um conceito mais exato a partir do memorial bíblico. Deste modo, o Concílio declara que a Eucaristia é “memorial”, “representação” e “aplicação” do sacrifício

---

<sup>73</sup> DENZINGER, op. cit., p. 447.

<sup>74</sup> ALDAZÁBAL, op. cit.

pascal de Cristo, como a ceia pascal dos judeus é memorial e atualização da libertação do êxodo. Assim afirmam os padres conciliares:

[...] na última ceia, “na noite em que foi entregue” [1 Cor 11,23], para deixar à sua dileta esposa, a Igreja, um sacrifício visível – como a natureza humana exige –, pelo qual fosse tornado presente aquele sacrifício cruento que se havia de realizar uma vez <por todas> na cruz e seu memorial permanecesse até o fim dos séculos e seu poder salutar fosse aplicado para a remissão dos pecados que diariamente cometemos [...] ofereceu a Deus Pai seu corpo e sangue sob as espécies de pão e vinho e, sob os sinais destes, os transmitiu, para que os recebessem, aos Apóstolos (que constituía então sacerdotes do Novo Testamento) [...] ordenou a eles e a seus sucessores no sacerdócio que os oferecessem [...]. De fato, depois de ter celebrado a Páscoa antiga, que a multidão dos filhos de Israel imolava em memorial da saída do Egito, instituiu a nova Páscoa, a ser imolada pela Igreja por meio dos sacerdotes, sob sinais visíveis, em memorial de sua passagem deste mundo ao Pai [...].<sup>75</sup>

Trento enfatiza, deste modo, o caráter sacrificial na celebração eucarística. Para os padres conciliares, “memoria” é algo mais do que “*recordatio Passionis*” ou “*nuda commemoratio sacrificii in cruce peracti*”, como pensavam os reformadores. Para a Igreja, a Eucaristia é representação do sacrifício da Cruz, é o mesmo sacrifício e não outro. Uma vez que é a Igreja que o oferece, ela faz com o protagonismo do próprio Cristo.<sup>76</sup>

Além do mais, o capítulo I desta referida sessão afirma que Jesus, o novo sumo sacerdote, veio completar os sacrifícios insuficientes do AT, levando à plena santificação todos os que deviam ser santificados. Cristo se ofereceu uma só vez na cruz para operar a redenção eterna. Mas, para que a sua ação de sumo sacerdote não fosse extinguida, na última ceia deixou à sua Igreja um sacrifício visível, por meio do qual fosse representado o sacrifício cruento que ia ser realizado na cruz, para que pudesse perdurar até o fim dos tempos a lembrança dele e, além disso, fosse aplicada a salutar virtude daquele sacrifício cruento em remissão dos pecados que cometidos pela humanidade. Desta forma, Jesus ofereceu a Deus Pai o seu corpo e o seu sangue sob a espécie de pão e vinho e ordenou aos seus que eles também oferecessem, como sempre a Igreja católica entendeu e ensinou.<sup>77</sup>

Desta maneira, pode-se dizer que a doutrina é finalmente resumida de modo preciso nos documentos do Concílio nos primeiros cânones. Vale destacar a importância do cânone 3:

Se alguém disser que o sacrifício da Missa só é de louvor e ação de graças, ou mera comemoração do sacrifício realizado na cruz, porém não <sacrifício> propiciatório; ou que só aproveita a quem o recebe e não se deve oferecer pelos vivos e defuntos, pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades: seja anátema.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> DENZINGER, op. cit., p. 446.

<sup>76</sup> ALDAZÁBAL, op. cit.

<sup>77</sup> NENHEUSER, op. cit.

<sup>78</sup> DENZINGER, op. cit., p. 450.

Os padres conciliares deixam claro que o sacrifício da missa não é apenas sacrifício de louvor e de ação, por mais que naturalmente também seja. Também esclarece que não é mera comemoração (*nuda commemoratio*) do sacrifício feito na cruz, e com isso se afasta da confusão trazida por Lutero ao explicar erroneamente o uso do termo memorial, de um recordar-se meramente subjetivo. O sacrifício da Missa é “memoria” – “*anamnesis*” no pleno sentido antigo do termo. Lembrança plena de realidade, “*sacramentum*” (*mysterium*) do irrepetível sacrifício da cruz, em que este último está presente, e de modo tal que os celebrantes sacrificam realmente, cumprem e realizam aqui e agora o sacrifício de Cristo, eles o assumem, tornando-o próprio, e o oferecem como o seu sacrifício ao Pai, apesar da sua indignidade, possam receber os frutos do sacrifício de Cristo na Cruz.<sup>79</sup>

Nenheuser faz um resumo preciso sobre o que foi tratado do caráter sacrificial na Eucaristia no Concílio de Trento nestes termos:

A primeira coisa que deve ser destacada é a seguinte: diante das negações dos reformadores, o concílio tridentino afirma claramente que a missa é verdadeiro sacrifício e que este seu caráter sacrificial, que não coincide simplesmente com a refeição como tal, mas é antes uma realidade particular, não contradiz de modo algum a unicidade do sacrifício redentor de Cristo; pelo contrário, sacrifício da cruz e sacrifício da missa são, em certo sentido, um único sacrifício.<sup>80</sup>

Desta forma, pode-se observar o quanto os padres conciliares trabalharam para esclarecer as controversas a respeito da Eucaristia surgidas a partir de Lutero. Devolvendo aos fiéis um ambiente seguro e capaz de cada vez mais conscientizar-se da grandeza do culto divino que participa.

### **2.3 A crítica de Joseph Ratzinger sobre a posição reducionista de Lutero na modalidade do diálogo ecumênico**

A definição da concepção de sacrifício na santa Missa do Concílio de Trento nunca deixou de ser doutrina da Igreja, mesmo que no decorrer dos anos foi se deixando de evidenciar este aspecto da Eucaristia, já que o conflito protestante havia sido superado. Após Trento pode-se dizer que o sacrifício da missa consiste essencialmente no fato que as espécies eucarísticas representam de modo tal o sacrifício do Calvário, que por isso o contêm realmente, de modo sacramental. A Igreja conseguiu amadurecer a ideia de conciliar a realidade do sacrifício eucarístico com a unicidade do sacrifício redentor da cruz.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> NENHEUSER, op. cit.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 1077-1078.

<sup>81</sup> Ibidem.

É possível dizer que, além da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, a Missa é uma fonte inesgotável para a teologia e para a pregação de Joseph Ratzinger.<sup>82</sup> Chegou em alguns momentos a afirmar a centralidade da Missa em toda a vida da Igreja. Para ele a vida espiritual depende essencialmente da Eucaristia. Sem ela a fé e a esperança esmorecem e a caridade esfria.<sup>83</sup> Por isso, é tão necessário cuidar cada vez mais da qualidade da celebração eucarística e conscientizar cada membro daquilo que participa, para que a celebração possa iluminar as vicissitudes de todos os fiéis.

Para o teólogo alemão as palavras de Jesus durante a última Ceia constituíram o ato verdadeiro e próprio de fundação da Igreja, ou seja, com a Eucaristia, foi instituída a própria Igreja de Cristo:

[...] Esta se torna uma unidade, torna-se o que é a partir do corpo de Cristo e conjuntamente, a partir da sua morte, fica aberta à vastidão do mundo e da história. A Eucaristia é o processo visível do reunir-se, um processo que, em cada lugar e por meio de todos os lugares, é um entrar em comunhão com o Deus vivo, que aproxima, a partir de dentro, os homens uns dos outros. A Igreja forma-se a partir da Eucaristia. Dela recebe a sua unidade e a sua missão. A Igreja deriva da Última Ceia, mas por isso mesmo deriva da morte e ressurreição de Cristo, por Ele antecipadas no dom do seu corpo e do seu sangue.<sup>84</sup>

Por isso, Ratzinger dá tanta importância para a Eucaristia, ou melhor, ele reconhece o importantíssimo papel que a Eucaristia ocupa na doutrina da Igreja. Vale destacar que dentro do seu pontificado foram realizados dois Sínodos dos Bispos justamente sobre as duas mesas que compõem a Missa: um sobre a Eucaristia (*Sacramentum Caritatis*) e outro sobre a Palavra de Deus (*Verbum Domini*).<sup>85</sup>

A dimensão eucarística na teologia de Ratzinger está muito relacionada à interioridade, ele busca sentido em todos os sinais presentes na liturgia. Pode-se dizer que a sua teologia da missa se resume nisto: o sacrifício de animais implica destruição de corpos; o sacrifício de Cristo implica que nós mesmos – inteiramente, não só as nossas almas, mas também nossos corpos – sejamos congregados num único corpo. Pois, Ratzinger afirma que toda a nossa vida é acolhida no sacrifício do Cristo: “[...] a grandeza do amor de Cristo mostra-se precisamente

---

<sup>82</sup> ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. **O sacrifício da palavra**: a liturgia da missa segundo Bento XVI. Campinas: Ecclesiae, 2016.

<sup>83</sup> BENTO XVI, Papa. **Discurso no encerramento da visita pastoral diocesana, viagem pastoral a Aquileia e Veneza**. Basílica São Marcos – Veneza, 8 de maio de 2011. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20110508\\_assemblea-chiusura.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110508_assemblea-chiusura.html)>. Acesso em: 20 set. 2021.

<sup>84</sup> RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2011.

<sup>85</sup> ASSUNÇÃO, op. cit.

no fato de que Ele nos acolhe em Si no seu sacrifício vivo e santo, não obstante toda a nossa miserável insuficiência, de tal modo que nos tornamos verdadeiramente o “seu Corpo”.<sup>86</sup>

Joseph Ratzinger destaca a integração da Encarnação e do Mistério Pascal, uma singularidade presente na liturgia cristã. Para o teólogo alemão a ideia do sacrifício do *Logos* só se realiza plenamente do *Logos incarnatus*, ou seja, da palavra que se fez carne e que atrai toda a carne humana na adoração a Deus. Agora, o *Logos* não é mais um sentido por trás das coisas, mas ele mesmo tornou-se corpóreo assumindo sobre si os sofrimentos e esperanças humanas. Assume em si a espera da criação a conduz a Deus. A respeito deste novo culto, da união do sacrifício do Cristo com o sacrifício do homem, Ratzinger afirma:

A “Palavra” não é mais somente representação de outra coisa, de algo corpóreo. Na autooferta de Jesus sobre a cruz, ela se une a toda realidade da vida e do sofrimento humano. Não se trata mais de um culto substitutivo, mas da representação vicária que Jesus cumpre em representação de todos nós; nos assume e nos conduz à assimilação com Deus, àquele “tornar-se amor” que é a única verdadeira adoração. Assim a Eucaristia, baseada na Cruz e Ressurreição de Jesus, é o ponto de convergência de todas as linhas da Antiga Aliança, ou da história das religiões em geral: o justo culto sempre esperado e, todavia, sempre acima das nossas capacidades, a adoração “em espírito e verdade”. O véu do templo rasgado é o véu rasgado entre o rosto de Deus e este mundo. No coração transpassado do Crucificado, foi aberto o próprio coração de Deus: nós vemos quem é Deus e como ele é. O céu não está mais fechado – Deus saiu do seu esconderijo.<sup>87</sup>

Sendo assim, para o teólogo alemão o culto cristão considera o templo universal do Cristo ressuscitado, cujos braços estendidos sobre a cruz estão esticados para o mundo a fim de atrair todos no seu abraço de amor eterno, no lugar do templo de Jerusalém. O novo templo e o novo e definitivo sacrifício já existem: a humanidade de Cristo que na Cruz e Ressurreição se abriu à humanidade. Por conseguinte, a oração do homem Jesus em um diálogo intratrinitário do amor eterno envolve os homens através da Eucaristia que é a porta sempre aberta da adoração e do verdadeiro sacrifício, o sacrifício da Nova Aliança.<sup>88</sup>

Deste modo, é possível observar que Ratzinger evidencia o caráter sacrificial da Santa Missa colocando esta celebração como núcleo da vida do homem. No sacrifício da Missa, o fiel tem a possibilidade de encontrar-se com o Cristo Ressuscitado que morreu no seu lugar e, assim, abriu novamente as portas da redenção à humanidade. Mas, de forma concreta, como o teólogo alemão defende a concepção de sacrifício na Missa?

Ratzinger trabalhou esta noção a partir do termo “Sacrifício da Palavra”. Ele se debruçou sobre esta realidade devido à clareza de se tratar do sacrifício da Nova Aliança instituído por Cristo aos homens. Deste modo, o papa alemão utiliza da expressão *Logos* como o Verbo eterno

---

<sup>86</sup> RATZINGER, 2011, op. cit., p. 214.

<sup>87</sup> RATZINGER, 2019, op. cit., p. 58.

<sup>88</sup> Ibidem.

do Pai, que surge na história da salvação na realidade prescrita por João: “e o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14a). Cristo é o Verbo, o *Logos*, a palavra de Deus. Bento XVI afirma esta realidade em um discurso com os bispos da Suíça: “Deus é *Logos*, e Deus é *Amor* a ponto de se fazer totalmente pequeno, de assumir um corpo humano e, no final, de se entregar como pão nas nossas mãos.”<sup>89</sup>

À vista disso, só é possível que a palavra humana proclamada na Liturgia se torne verdadeiramente oração e oferenda quando estiver impregnada da vida e do sofrimento de Cristo, que é a própria Palavra nesta Liturgia. Sobre esta união da palavra humana com a Palavra divina Ratzinger afirma:

A transformação da morte em amor, cuja plenitude coincide com a sua Palavra onipotente, significa a fusão da palavra humana com o Verbo do amor eterno, que é o Filho na sua perpétua doação ao Pai em amor. Para o Verbo, aquilo que no plano do amor humano não passaria de mera veleidade torna-se efetivamente possível: abrir, por meio da Morte, as portas da Ressurreição. É neste sentido que o Cânon representa o *verdadeiro sacrifício*, enquanto palavra do Verbo; ressoa aí a palavra do Verbo que é vida. Ao colocar nos nossos lábios essa sua palavra, o Verbo permite-nos falar com Ele, torna-nos coparticipantes da sua oferenda, a sua palavra é a nossa palavra, a sua súplica, a nossa súplica, o seu sacrifício, o nosso sacrifício.<sup>90</sup>

O cerne da celebração litúrgica na Eucaristia são as palavras utilizadas por Jesus na última ceia, aquelas que estão narradas nos primeiros três evangelhos: “*Este é o meu corpo, este é o meu sangue*”. Ratzinger destaca estas palavras pronunciadas pela boca do sacerdote na missa que são sustentos para a vida da Igreja:

[...] estas duas expressões imperscrutáveis, que estão para sempre no centro da Igreja, no centro da celebração eucarística, as palavras das quais vivemos, porque constituem a presença do Deus vivente, a presença de Jesus Cristo no meio de nós e, desse modo, retiram o mundo da sua insuportável monotonia, indiferença, melancolia e maldade. “*Este é o meu corpo, este é o meu sangue*”: são expressões retiradas da linguagem sacrificial de Israel, com as quais eram indicadas as ofertas que se sacrificavam a Deus no templo. Usando essas palavras, Jesus indica a si mesmo como sacrifício definitivo e verdadeiro no qual chegam à realização todas as tentativas vãs do Antigo Testamento. Nele é acolhido aquilo que neles tinha sempre sido desejado, mas jamais poderia ser alcançado. Deus não quer sacrifícios de animais, tudo lhe pertence. Também não quer sacrifícios humanos, porque criou cada ser humano para a vida. Deus quer algo maior: quer o amor que transforma o homem, pela qual o homem se torna capaz de Deus, se abandona a Deus.<sup>91</sup>

Desta maneira, no testemunho de vida e morte de Jesus, foi retomada a verdadeira intenção do culto veterotestamentário, que se baseia na ideia da substituição vicária. Uma vez que o sacrifício humano foi abolido como indigno e não adequado para Deus, o homem quer

---

<sup>89</sup> BENTO XVI, Papa. **Discurso na conclusão do encontro com os bispos da Suíça** – 9 de novembro de 2006. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20061109\\_concl-swiss-bishops.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061109_concl-swiss-bishops.html)>. Acesso em: 24 set. 2021.

<sup>90</sup> RATZINGER, J. **Deus próximo de nós**: a Eucaristia centro da vida. Tradução de João Cesar das Neves. Coimbra: Tenacitas, 2005a, p. 59.

<sup>91</sup> RATZINGER, 2019, op. cit., p. 308.

fazer-se representar por ofertas. Contudo, deve reconhecer que nada é suficiente para substituir a si mesmo, pois ele nunca poderia resgatar a si mesmo. No homem Jesus, ele lança a si mesmo em oferta e o significado do culto alcança o seu cumprimento e, ao mesmo tempo, supera o culto precedente: “Ele mesmo é o culto e, entendida assim, a Eucaristia é um sacrifício, que recebemos com ação de graças e que, no nosso fazer memória, se torna verdadeiramente presente no meio de nós.”<sup>92</sup>

Pode-se afirmar, deste modo, que para Joseph Ratzinger não se pode pensar na celebração da Missa sem o caráter sacrificial. O fiel participa do mesmo sacrifício de Cristo na cruz. Assim, o teólogo alemão critica Lutero a partir do método utilizado para a compreensão e enxerga o mal causado por esta incompreensão:

A tragédia do empenho reformista de Lutero consiste no fato de que acontece em um tempo no qual a forma essencial da liturgia era amplamente escondida e incompreendida. Não obstante a radicalidade de sua chamada ao “*Sola Scriptura*”, Lutero não colocou em discussão a validade das profissões de fé da Igreja antiga, deixando, desse modo, subsistir uma tensão interior que depois se tornou a problemática fundamental da história da Reforma. A Reforma teria seguramente um desenvolvimento diferente se ela tivesse podido ver o análogo caráter vinculante da grande tradição litúrgica, a sua consciência de uma presença do Sacrifício como, também, de uma participação no ato vicário do *Logos*. Na radicalização do método histórico-crítico, hoje, se tornou evidente que o “*Sola Scriptura*” não pode fundamentar uma Igreja e uma comunhão de fé. A Escritura, em última análise, é Escritura somente se vive um sujeito vivo que é a Igreja. Tanto mais absurdo é o fato de que hoje não poucos pretendem criar a liturgia de modo novo com base no “*Sola Scriptura*”, e identificam, para essas reconstruções, a Escritura com as opiniões exegéticas dominantes, trocando, portanto, a fé pela opinião.<sup>93</sup>

Dessarte, percebe-se o quanto é categórica a posição de Ratzinger a respeito do caráter sacrificial na Missa. Entra de forma direta em conflito com o pensamento de Lutero, que acredita que a Eucaristia entendida como sacrifício é idolatria, um horror, porque recaía ao uso sacrificial pagão, aquilo que se vivia antes da novidade cristã. Para Lutero, a controvérsia sobre a Missa é apenas um caso de aplicação do problema fundamental da justificação. Pois, para o monge agostiniano só existem dois modos de se relacionar com Deus: o modo da Lei e o modo da fé. Consequentemente, o fiel só acolhe a graça divina e não oferece dons ao seu Deus. Sendo assim, o culto cristão, por sua natureza, pode ser apenas um receber em atitude de gratidão, da obra salvífica de Deus em Cristo Jesus, suficiente uma vez por todas. A partir desta perspectiva Ratzinger explica o pensamento de Lutero a respeito do culto divino:

[...] isso significa que o culto cristão é distorcido em sua essência, na verdade, transformado em seu contrário, quando no lugar da ação de graças entra novamente a oferta. Então, de fato, a Lei tomou novamente o lugar da graça. É negada a suficiência da obra salvífica de Jesus Cristo e o homem cai novamente na tentação da autorredenção, do mérito e do poder autônomo. A partir desta perspectiva, se pode

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 266.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 143.

entender que Lutero visse na ideia de sacrifício da Missa a negação da graça, a rebelião do poder autônomo do homem, a recaída – combatida por Paulo com tanto vigor – da fé na Lei.<sup>94</sup>

Ratzinger verifica a necessidade de trabalhar este problema de Lutero dentro da teologia do sacrifício da Missa porque não se pode resolver um problema tão amplo com um certo transtorno, limitando-se a pôr o acento sobre o caráter convivial da Eucaristia. Pois, com um simples silenciar de certas questões, a teologia não pode progredir nem ser útil à realização existencial dos fiéis. Mas, para o papa alemão, não convém evidenciar apenas as negações de Lutero, vale ressaltar também as avaliações positivas que talvez podem ser sintetizadas por duas asserções:

A obra salvífica de Cristo é suficiente, de uma vez por todas, na qual Deus mesmo se doa a nós contra a inutilidade do nosso culto, o verdadeiro sacrifício que procura a reconciliação. E o culto cristão não pode mais consistir em oferecer dons próprios, mas é, por sua natureza, um receber da obra salvífica de Jesus Cristo doada uma vez apenas. Portanto, é uma ação de graças, ou seja, é Eucaristia.<sup>95</sup>

Diante destas duas teses positivas da doutrina de Lutero, Ratzinger afirma que há nelas uma dupla aproximação a um conceito propriamente cristão do sacrifício e a uma compreensão teologicamente legítima da Eucaristia como sacrifício que se desenvolve no interior da fé neotestamentária. Primeiro, deve-se absolutamente excluir a ideia da Missa como um sacrifício autônomo que se apoia sobre si mesmo, mas o sacrifício histórico se torna presente “para mim”. O ato de recebê-lo não se refere a algo que é absolutamente passado, mas a que o passado seja recebido como um dom presente, atual. Deste modo, impõe-se a ideia que os fiéis fazem uma ação de graças da presença do sacrifício de Cristo.<sup>96</sup>

Por fim, Ratzinger também destaca uma melhor interpretação do termo memorial. Para o teólogo alemão, o “memorial” é uma categoria central da prática sacrificial veterotestamentária. É categoria de atualização, o povo de Israel ao fazer memória da história da salvação a recebe como presente, é possível entrar na história e se torna partícipe de sua realidade. Porém, o uso deste termo tem a ver não somente com o passado e com o presente, mas também com o futuro. Pois, é um recordar-se da ação salvífica de Deus e, por causa desta ação, recordar a Deus o que ainda falta, ou seja, é um grito de esperança e de confiança em vista do futuro.<sup>97</sup>

---

<sup>94</sup> Ibidem, p. 258.

<sup>95</sup> Ibidem.

<sup>96</sup> Ibidem.

<sup>97</sup> Ibidem.



Por conseguinte, é perceptível na doutrina de Ratzinger uma defesa ortodoxa do carácter sacrificial da Eucaristia, com base no testemunho das Sagradas Escrituras e no método de análise da reflexão teológica, sem compreensão simplória a respeito de um tema tão central para a fé da Igreja.

### 3 Uma teologia do sacrifício

No decorrer do presente trabalho, é perceptível o quanto é importante a concepção de sacrifício na doutrina da Eucaristia e precisamente na doutrina da Missa. Ratzinger ratifica esta importância a começar por evidenciar o evento salvífico de Cristo no calvário ao ponto de questionar-se como um evento em si profano, uma execução de um homem no mais cruel de todos os modos praticáveis, é descrito como liturgia cósmica, como um rasgar-se do céu fechado? Como um evento assim consegue plenificar o que os cultos antigos não haviam conseguido de modo real e suficiente? O que tornou possível uma reelaboração espiritual tão imponente desse evento, a aplicação de toda a teologia veterotestamentária do culto a esse evento aparentemente tão profano?<sup>98</sup>

O teólogo alemão responde estas inquietações com a profundidade teológica que lhe é própria:

[...] Jesus mesmo tinha renunciado a sua morte aos discípulos e a tinha interpretado com categorias proféticas, oferecendo-lhes sobretudo nos Cânticos do Servo de Deus do Deuterocanônico. Com isso, já estava evocado o motivo da expiação e da substituição, que pertence ao grande âmbito do pensamento cultural. No Cenáculo, Ele aprofunda isso, fundindo a teologia do Sinai e a profética – fusão da qual nasce o Sacramento no qual Ele aceita sua morte, a antecipa e, ao mesmo tempo, a torna capaz de ser atualizada como culto sagrado para todos os tempos.<sup>99</sup>

Sendo assim, é possível afirmar que sem este enraizamento substancial na vida e no agir de Jesus, a nova concepção da cruz seria incompreensível, ninguém poderia aplicá-la à cruz de Cristo. Portanto, a partir do pensamento de Ratzinger pode-se dizer que a cruz se torna também a síntese das festas veterotestamentárias, torna-se dia de Expiação e da Páscoa conjuntamente, inauguração de uma nova Aliança. Ou seja, a teologia da cruz é teologia eucarística. Sem a cruz, a Eucaristia permaneceria puro ritual e sem a Eucaristia a cruz seria somente um cruel evento profano. Percebe-se, a partir deste ponto, uma estreita conexão de vida vivida e sofrida com a celebração sagrada cultural, não há mais separação da vida com aquilo que se celebra.<sup>100</sup>

A pessoa e a função do sacerdote na missa têm um significado todo particular, totalmente diferente do significado antes compreendido no Antigo Testamento. O teólogo Matias Augé sintetiza com bastante clareza utilizando termos propícios à teologia do Sacrifício:

[...] o sacrifício da missa se cumpre (*perficitur*) substancialmente na consagração da matéria. Por outro lado, a consagração se cumpre por meio das palavras de Cristo na última ceia. O sacerdote que consagra atualiza as palavras *materialiter*, isto é, *historice*, e ao mesmo tempo as pronuncia *formaliter*, isto é, “significativas”: para que as palavras realizem o que significam, atuando *in persona Christi*, isto é, assumindo

---

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 402.

<sup>100</sup> Ibidem.

ativa e deliberadamente o lugar de Cristo. Lembramos que a *Sacrosanctum Concilium* fala de uma presença dinâmica, instrumental e transitória, mas efetiva de Cristo “na pessoa do ministro” (n.7). De algum modo, a consagração eucarística proclama todo o mistério pascal, toda a economia da salvação, sintetizada num só ato, num só sinal.<sup>101</sup>

Deste modo, nota-se a importância de o ministro ordenado ter consciência do seu importante papel e, assim, canalizar toda a sua vida em função daquilo que celebra. Somente o sacerdote ordenado é capaz de perpetuar na missa, através das suas mãos, o mesmo sacrifício de Cristo vivido há milhares de anos atrás. Vale, até mesmo, citar o Catecismo da Igreja Católica afirmando que toda a força de todo o ministério sacerdotal brota do Sacrifício da missa:

Eles exercem seu sagrado múnus principalmente no culto eucarístico ou *sinaxe*, na qual, agindo na pessoa de Cristo e proclamando seu mistério, unem os pedidos dos fiéis ao sacrifício de sua Cabeça e, até a volta do Senhor, tornam presente e aplicam no sacrifício da missa o único sacrifício do Novo Testamento, isto é, o sacrifício de Cristo que, como hóstia imaculada, uma vez por todas se ofereceu ao Pai. É desse sacrifício único que retiram a força de todo o seu ministério sacerdotal.<sup>102</sup>

Tendo claro a presente noção de sacrifício no mistério da Missa, é preciso compreender os efeitos também nos fiéis a partir da participação desta celebração. O homem tem a oportunidade de alimentar-se diretamente da fonte de toda vida santificadora da Igreja: a Eucaristia. Nenheuser resume com muita clareza a força do que é a Missa e o que ela causa na vida espiritual do homem que participa:

[...] a missa [...] é simultânea e inseparavelmente: sacrifício em que se perpetua o sacrifício da cruz; memorial da morte e da ressurreição do Senhor, que disse: “Fazei isto em memória de mim”; sagrado banquete em que, por meio da comunhão do corpo e sangue do Senhor, o povo de Deus participa dos bens do sacrifício pascal, renova o novo pacto estabelecido uma vez para sempre no sangue de Cristo por Deus com os homens, e na fé e na esperança prefigura e antecipa o banquete escatológico no reino do Pai, anunciando a morte do Senhor “até a sua volta”.<sup>103</sup>

O fiel participa do *memorial* do mistério pascal do Filho. Sendo assim a Eucaristia é o sacramento do sacrifício da Cruz e é também banquete, no qual se participa verdadeiramente no Corpo e Sangue do Senhor. Não é comemoração vazia, mas memória poderosa, o memorial, no sentido bíblico, é o fazer-se presente no acontecimento da salvação no hoje da comunidade celebrante por obra do Espírito Santo. Sendo assim, o Cristo morto e ressuscitado está presente no sinal do pão e do vinho, que se tornam realmente o seu corpo e o seu sangue. A Missa é o sacramento do encontro pleno com ele, a participação no seu mistério pascal, que reconcilia a pessoa e a comunidade na nova aliança com Deus. Unindo-se ao sacrifício que Cristo realizou, uma vez para sempre, na cruz e que se torna presente no sacramento do altar, a comunidade

---

<sup>101</sup> AUGÉ, op. cit., p. 138.

<sup>102</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000, n. 1566, p. 429.

<sup>103</sup> NENHEUSER, op. cit., p. 1078.

celebrante se oferece ao pai e entra na paz da reconciliação realizada pelo Cristo Ressuscitado.<sup>104</sup>

Ratzinger ratifica que a Paixão e a Ressurreição de Jesus não são acontecimentos históricos exteriores, não são ações de um homem, mas ações do próprio Deus e, portanto, conduzem o sacrifício da Cruz de Cristo e a sua ressurreição para além da história. Desta forma, o teólogo alemão esclarece como estes mistérios da vida de Cristo tem o nexos com o acontecimento litúrgico:

[...] o raio de luz vai novamente para muito além da dimensão puramente humana e do acontecimento pontual de ser pregado e morto. A linguagem da fé definiu como “*mysterium*” esse “ir além” do momento histórico e, na expressão “Mistério Pascal”, sintetizou o núcleo essencial do processo da Redenção. Se, em consequência, possamos dizer que o “mistério Pascal” constitui o núcleo da “obra de Jesus”, o nexos com a liturgia resulta, então, óbvio: justamente essa “obra de Jesus” é o verdadeiro conteúdo da liturgia. Na liturgia, por meio da fé e da oração da Igreja, a “obra de Jesus” se insere continuamente na história. Assim, na liturgia continuamente se ultrapassa o momento histórico para entrar no perene ato divino-humano da redenção. Na liturgia, Cristo é o verdadeiro sujeito principal – ela é a obra de Cristo; mas nela Ele atrai toda história para si, para dentro desse ato permanente, que é, precisamente, o lugar da nossa salvação.<sup>105</sup>

Mas, infelizmente, mesmo com toda a clareza dada pela Igreja a respeito do mistério que acerca a liturgia e do caráter sacrificial da Santa Missa ainda existem problemas em relação a esta compreensão. É necessário que todos os fiéis compreendam bem esta doutrina, estejam bem persuadidos dela e conscientes da sua eficácia na vida concreta da humanidade. Assim não seriam necessários leis, nem preceitos positivos, para obrigar os fiéis a participarem do Santo Sacrifício da Missa. Pelo contrário, existiria cada vez mais um maior esforço, até mesmo verdadeiros sacrifícios, para não deixarem um só dia sem a participação da Missa, pois muito além do dever do fiel é uma fonte perene de bênçãos para quem celebra junto com a comunidade.<sup>106</sup>

### 3.1 O debate atual sobre o problema do sacrifício

O pensamento moderno encurtou, de certo modo, esta grandeza da presença transcendental da liturgia a tal ponto de poder perceber que atualmente pouco se fala a respeito do divino sacrifício da Eucaristia, por mais que a discussão sobre o conceito de sacrifício seja algo sempre vivo no humano, até porque é um conceito que sempre interessou não somente a

---

<sup>104</sup> FORTE, Bruno. **Breve introdução aos sacramentos**. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>105</sup> RATZINGER, 2019, op. cit., p. 634.

<sup>106</sup> FERREIRA, Eduardo C. **O Santo Sacrifício**: esboço apologético, histórico e litúrgico para uso dos fiéis. 2. ed. Lisboa: União Gráfica, 1950.

história da fé da Igreja, mas toda a história da humanidade. Mas, ao mesmo tempo, ainda estão vivos no meio da sociedade antigos preconceitos iluministas a respeito de magia e paganismo, as contraposições entre culto e ministério da palavra, entre rito e *ethos*, e a ideia de que o cristianismo deve abandonar o culto em favor da profanidade. Desta forma, quem quiser recuperar o conceito puro de sacrifício terá que pagar o preço de ser constrangido e criticado pelos movimentos teológicos e até mesmo pela sociedade.<sup>107</sup>

Ratzinger ao abordar esta problemática atual acerca do tema do sacrifício utiliza de forma sintetizada e bastante esclarecedora um pensamento de Stefan Orth que evidencia como está inflamada a problemática a respeito do compreensão de sacrifício atualmente:

De fato, também muitos católicos estão hoje de acordo com o veredito e a conclusão de Martinho Lutero, segundo o qual falar de sacrifício da Missa seria “o maior e mais terrível horror” e uma “maldita idolatria”. Por isso, queremos abster-nos de tudo o que soa como sacrifício, juntamente, com todo o Cânon, e conservar somente o que é puro e santo. Essa máxima foi seguida também na Igreja Católica depois do Concílio Vaticano II, pelo menos como tentativas, e levou a conceber a liturgia partindo, sobretudo, da festa pascal mencionada nos relatos da última ceia.<sup>108</sup>

É obvio que entre estes “muitos católicos” citados pelo autor Joseph Ratzinger não faz parte daqueles que consideram falar de sacrifício da Missa ser um erro terrível e uma maldita idolatria. O teólogo alemão desconfia do diagnóstico do autor supracitado, mas reconhece que há conflitos em relação a este tema e que existem historiadores, como por exemplo Hubert Jedin, que afirmam que quase tudo que agitava os homens no século XVI, hoje é novamente proposto. Logo, Ratzinger reconhece um abismo entre os dias atuais e os conceitos defendidos em Trento, ele até associa este distanciamento do Concílio de Trento com a obstinação com que se combate a possibilidade de celebrar a Missa, depois da reforma litúrgica, segundo o Missal de 1962: “Tal possibilidade representa a refutação mais forte e, portanto, menos suportável, da convicção que a fé eucarística formulada por Trento tenha perdido a sua validade”<sup>109</sup>.

Ratzinger cita muitos teólogos (Harald Schutzeichel, David N. Power, Thaddäus Schnitker e Reinhard Messner) que elaboram teorias muito graves, porque frequentemente passam imediatamente da teoria para a prática. Colocam a comunidade como sujeito da liturgia e, assim, consideram-na autorizada o suficiente para manipular a doutrina e a santa liturgia segundo a interpretação pessoal dos interessados. O papa alemão exemplifica criticando elementos do método histórico-crítico tão usado nos dias atuais:

O problema se exacerba, uma vez que o novo Iluminismo avança para além de Lutero. Enquanto este ainda tomava ao pé da letra os relatos da instituição e os punha, qual

<sup>107</sup> RATZINGER, 2019, op. cit.

<sup>108</sup> ORTH, Stefan. Renaissance des Archaischen? Das neuerliche theologische Interesse am Opfer. In: Herkorr, v. 55, p. 195-200, 2001; aqui, p. 198 apud RAZINGER, 2019, op. cit.

<sup>109</sup> RATZINGER, 2019, op. cit., p. 636.

*norma normans*, como base de seus esforços reformistas, atualmente, esses mesmos relatos sofrem amplo efeito erosivo das hipóteses da crítica histórica. Os relatos da última Ceia aparecem como produto de uma configuração comunitária da liturgia. Detrás deles se procura um Jesus histórico que, naturalmente, não teria podido pensar no dom de seu corpo e de seu sangue e nem interpretar a sua cruz como sacrifício expiatório. Com base em tais hipóteses, seria preferível pensar em um banquete de despedida com perspectiva escatológica. Para muitos não só o Magistério da Igreja saiu de cena como autoridade, mas também a Escritura, em cujo lugar entram outras hipóteses, aparentemente históricas, que, no fundo, dão espaço a todo arbítrio e deixam a liturgia entregue à moda.<sup>110</sup>

Por conseguinte, a partir destas ideias obcecadas em uma lógica egoísta e presunçosa a liturgia vai sendo manipulada cada vez mais livremente e os fiéis percebem que, no fundo, não se celebra mais nada, pois não acreditam naquilo que celebram, e passam a abandonar a liturgia e, junto com ela, a Igreja.<sup>111</sup>

Para definir a Eucaristia como sacrifício divino é preciso primeiro determinar os pressupostos fundamentais que determinam a leitura das Escrituras e em seguida também as conclusões dela deduzidas. Ratzinger testifica que para um cristão católico não se pode esquecer de duas orientações hermenêuticas essenciais para a compreensão deste problema. A primeira é que o fiel católico acredita nas Escrituras e nelas se baseia, sua pesquisa não destaca a partir de reconstruções hipotéticas baseadas em dados precedentes à sua redação. Estas hipóteses acabam reduzindo Jesus ao que um homem da época poderia ser capaz de fazer. A segunda orientação é que o fiel católico leia a Escritura na comunhão com a Igreja, isto é, a partir das decisões básicas pelas quais a Escritura se tornou historicamente eficaz e instituiu a própria Igreja. O texto não pode ser separado desse contexto vivo.<sup>112</sup>

Desta forma, não se pode separar a Escritura da Tradição. Lutero fez esta separação, no momento em que despontava a consciência histórica. Ele acreditou em uma evidência absoluta do texto, evidência que não existe, e à qual a ciência histórica moderna já há muito tempo renunciou. Que na Igreja nascente, desde o início, foi-se compreendida a Eucaristia como sacrifício, inclusive em um texto como a *Didaqué*, tão difícil e bastante marginal em relação à grande Tradição, constitui uma competência interpretativa de primeira ordem.<sup>113</sup>

Contudo, Ratzinger levanta outra questão que precisa ser destacada. Se o fiel reconhece na Eucaristia, assim como o Senhor a instituiu, um sacrifício, primeiro é necessário verificar o que é entendido como sacrifício, aquilo que o teólogo alemão chama de “pré-compreensão”. Por exemplo, a pré-compreensão de Lutero e mais precisamente a sua ideia a respeito da relação

---

<sup>110</sup> Ibidem, p. 638.

<sup>111</sup> Ibidem.

<sup>112</sup> Ibidem.

<sup>113</sup> Ibidem.

entre Antigo e Novo Testamento, entre o evento histórico e o presente da Igreja era tal que a categoria de sacrifício, como ele a entendia, aplicada à Eucaristia da Igreja, parecia-lhe uma idolatria. Infelizmente, muitos dos teólogos modernos confundem da mesma forma o conceito de sacrifício devido a se basear na sua pré-compreensão. Ratzinger indica o modo de não cair nesta confusão acerca de um conceito tão essencial para a vivência espiritual da doutrina eucarística:

Para o teólogo que crê é evidente a necessidade de aprender da própria Escritura a definição essencial de sacrifício, e precisamente de uma leitura “canônica” da Bíblia, na qual a mesma Escritura seja lida como uma unidade e como movimento dinâmico, onde cada passo recebe seu significado último a partir de Cristo, a quem se dirige todo esse movimento. Nesse sentido, a hermenêutica aqui reproposta é uma hermenêutica da fé, baseada em sua lógica intrínseca. Mas isso deveria no fundo ser óbvio. Sem a fé, de fato, a Escritura não é nem Escritura, mas uma coletânea heterogênea de literatura que não pode ter nenhum significado normativo hoje.<sup>114</sup>

Joseph Ratzinger evidencia a indicação dos teólogos modernos que justificam a visão equivocada sobre o caráter sacrificial da Eucaristia partindo de uma visão segundo o qual a concepção da liturgia se dá por meio da festa pascal mencionada nos relatos da última Ceia. Para o teólogo alemão, é uma afirmação ambígua. Pois, a Páscoa judaica<sup>115</sup> à qual se faz referência na instituição da Eucaristia recebe aqui um novo significado, fica visível um grande movimento histórico do início até a Ceia: a Cruz e a Ressurreição de Cristo. Diferente do que os modernos afirmam, não há contraste entre a ideia de sacrifício e a Páscoa, pois desde a legislação deuteronômica o abatimento de cordeiros já tinha um caráter sacrificial.<sup>116</sup>

Logo, por meio da tradição pascal, a ideia de sacrifício penetra nas palavras e nas ações de Jesus na última Ceia, nas quais torna-se presente, também, a partir de um segundo fundo veterotestamentário, isto é, do relato da Aliança no Sinai<sup>117</sup>, onde o povo foi aspergido com o sangue do holocausto precedentemente sacrificado. Deste modo, a Páscoa cristã é interpretada muito insistentemente, nos relatos da última Ceia, como um evento sacrificial e, com base nas palavras da sua narração, pode-se constatar que a Igreja das origens sabia que a Cruz de Cristo era um sacrifício, porque a última Ceia seria um gesto totalmente vazio sem a realidade da Cruz e da Ressurreição, que nela era antecipada e, no seu conteúdo interior, tornada acessível para todos.<sup>118</sup>

Infelizmente, atualmente ainda continua a ideia da estranha contraposição entre Páscoa e sacrifício. Alguns chegam até a afirmar uma ruptura entre a liturgia renovada por Paulo VI e

---

<sup>114</sup> Ibidem, p. 639.

<sup>115</sup> Cf. Ex 12.

<sup>116</sup> RATZINGER, 2019, op. cit.

<sup>117</sup> Cf. Ex 24.

<sup>118</sup> RATZINGER, 2019, op. cit.

a tradição litúrgica precedente. Devido a esta má compreensão, eles passam a interpretar o conjunto não mais com base no sacrifício expiatório de Cristo, mas a partir do “*mystère pascal*”, a categoria de Mistério Pascal seria a alma da reforma litúrgica e é isso que provaria a ruptura com a doutrina clássica da Igreja. Mas, torna-se necessário esclarecer o verdadeiro sentido de Mistério Pascal. Ratzinger esclarece com muita precisão:

Desde que a expressão “Mistério Pascal” remete, claramente, aos acontecimentos da Quinta-feira Santa até a manhã da Páscoa: retoma a última Ceia como antecipação da Cruz, o evento do Gólgota e a Ressurreição do Senhor. Na expressão “Mistério Pascal”, esses acontecimentos são vistos como um único evento, como a “obra de Cristo” – segundo escutamos ao início das palavras do Concílio – que acontece na história e, ao mesmo tempo, transcende o momento. Uma vez que esse evento é intrinsecamente culto divino, poderia tornar-se formalmente culto divino e, assim, estar presente a todos os tempos. A teologia pascal do Novo Testamento, sobre a qual lançamos um breve olhar, significa justamente isto: que o evento aparentemente profano da crucificação de Cristo é um sacrifício expiatório, um ato de cura do amor reconciliador do Deus feito homem. A teologia pascal é a teologia da redenção, liturgia do sacrifício expiatório. O Pastor transformou-se em Cordeiro. A visão do Cordeiro, na história de Isaac – do Cordeiro que ficou preso no arbusto e resgatou o filho – se cumpriu: O Pastor transformou-se em Cordeiro; deixou-se amarrar e sacrificar para nos tornar livres.<sup>119</sup>

Tudo isso tornou-se extremamente estranho para o pensamento atual. Por expiação, pode-se imaginar algo no contexto das controvérsias humanas e do ressarcimento de culpas interpessoais, mas aplicá-las à relação do homem com Deus, isso simplesmente não é viável atualmente. Em grande parte, isso se dá porque a imagem que o homem tem de Deus hoje se dissolveu e se aproximou a um deísmo. Muitos não conseguem mais imaginar que uma culpa humana possa ofender a Deus e, menos ainda, que ela tenha necessidade de uma expiação qual a cruz de Cristo. Nota-se também que o conceito de representação vicária atualmente não está esclarecido conforme a sã doutrina da Igreja, pois a própria visão do homem se tornou muito individualista.<sup>120</sup>

Nesse sentido, estão na base da crise da liturgia atual pontos de vista fundamentais do homem de hoje que não podem ser superados pela banalização da liturgia ou pela sua transformação em uma simples assembleia ou em um banquete fraterno qualquer. Portanto, a solução apresentada por Joseph Ratzinger para que o fiel volte a compreender a grande realidade trazida na mensagem da Cruz e da Ressurreição não está por meio de teorias e reflexões eruditas, por mais que as clarificações intelectuais possam abrir caminho, mas só mediante uma conversão. É por meio da mudança de vida de cada fiel que a liturgia retornará ao lugar no qual nunca deveria ter saído: o centro da espiritualidade cristã.<sup>121</sup>

---

<sup>119</sup> Ibidem, p. 641-642.

<sup>120</sup> Ibidem.

<sup>121</sup> Ibidem.



Portanto, a liturgia não pode ser um terreno de experimentação de hipóteses teológicas. A grandeza da liturgia deriva do que ela é e não do que os fiéis fazem dela. A participação do católico é certamente necessária, mas como forma de ser inserido humildemente no espírito da liturgia e de servir Aquele que é o verdadeiro objeto da liturgia: Jesus Cristo. A liturgia nunca poderá ser a expressão da consciência de uma comunidade, que, de resto, é difusa e mutável. Mas a liturgia precisa ser a revelação recebida na fé e na oração, e a sua medida é a fé da Igreja, que é o receptor da revelação, mesmo que as formas que se dão à liturgia possam variar em função dos lugares e dos tempos, assim como os ritos são diversos. Contudo, é necessário ressaltar que o essencial é a ligação da liturgia com a Igreja que, por seu lado, está ligada pela fé no Senhor.<sup>122</sup>

Sendo assim, é necessário destacar a face da liturgia como oração, pois somente na experiência da vida com Deus aparece a evidência da sua existência. Há uma complementaridade entre oração pessoal, oração comunitária (para-litúrgica) e oração litúrgica. Portanto, a liturgia é, acima de tudo, oração. A sua especificidade consiste no fato de o seu objetivo primário não ser o homem, mas o próprio Deus. A liturgia é uma ação divina, é Deus que atua e o homem que responde à ação divina.<sup>123</sup>

### **3.2 A conversão pessoal e a eficácia do ato litúrgico**

Parte-se do pressuposto que a solução diante da crise litúrgica na Igreja de hoje e, conseqüentemente, da crise de compreensão a respeito do caráter sacrificial da Santa Missa é a conversão pessoal, a mudança de vida. É necessário, pois, apresentar elementos que possam ajudar o fiel a trilhar este itinerário de conversão e aprofundamento da sacralidade existente na liturgia. O Papa alemão evidenciou que uma das condições para que cada fiel possa participar frutuosa e plenamente da Eucaristia é o espírito de constante conversão que deve caracterizar a vida de todos os fiéis: “Não podemos esperar uma participação ativa na liturgia eucarística, se nos abeiramos dela superficialmente e sem antes nos interrogarmos sobre a própria vida.”<sup>124</sup>

Deste modo, a Missa não acaba com o fim do rito litúrgico e esse é o fato fundamental para Ratzinger. A celebração da Eucaristia não é uma coisa puramente litúrgica, mas que deve ser o ponto fixo da nossa vida pessoal. O papa alemão expressará esta vivência naquilo que ele chama de “espiritualidade eucarística”, que é uma vida que coloca a Eucaristia como o centro

---

<sup>122</sup> TOSATTI, Marco. **Dicionário do Papa Ratzinger**: Guia para o pontificado. Lisboa: Paulus, 2005.

<sup>123</sup> Ibidem.

<sup>124</sup> BENTO XVI, 2007, op. cit., n. 58, p. 82.

nervoso que integra e unifica todas as dimensões da sua existência. Assim, o fiel deve unir e nutrir tanto a busca da sua vida interior e pessoal pela santidade, de uma profunda e sincera comunhão com Deus, quanto uma comunhão e solicitude com os irmãos.<sup>125</sup>

Na sua homília no encerramento do XXV Congresso Eucarístico Nacional Italiano, o Papa Bento XVI abordou sobre a espiritualidade eucarística de forma clara e pediu as suas ovelhas uma atitude ativa diante da participação do Corpo do Senhor:

A história bimilenária da Igreja está constelada de santos e de santas, cuja existência é sinal eloquente de que precisamente da comunhão com o Senhor, da Eucaristia nasce uma nova e intensa assunção de responsabilidade a todos os níveis da vida comunitária, nasce, portanto, um desenvolvimento social positivo, que tem no seu centro a pessoa, particularmente a pobre doente ou necessitada. Alimentar-se de Cristo é o modo para não permanecermos alheios nem indiferentes à sorte dos irmãos, mas para entrar na mesma lógica de amor e de dom do sacrifício da Cruz; quem sabe ajoelhar-se diante da Eucaristia, quem sabe receber o Corpo do Senhor, não pode deixar de estar atento, no enredo ordinário dos dias, às situações indignas do homem [...]. Então, uma espiritualidade eucarística é o autêntico antídoto contra o individualismo e o egoísmo – que muitas vezes caracterizam a vida quotidiana – e leva à redescoberta da gratuidade, da centralidade dos relacionamentos, a partir da família, com particular atenção a cuidar das feridas daquelas que estão desagregadas.<sup>126</sup>

Sendo assim, pode-se dizer que a participação consciente da Santa Missa gera no homem uma transformação profunda e capaz de lutar por uma transformação social, uma busca para instaurar neste mundo o Reino de Deus. O próprio Catecismo da Igreja Católica ao abordar as fontes para a conversão pessoal evidencia a participação no santo sacrifício da Missa: “A conversão e a penitência cotidiana encontram sua fonte e seu alimento na Eucaristia, pois nela se torna presente o sacrifício de Cristo que nos reconciliou com Deus; por ela são nutridos e fortificados aqueles que vivem da vida de Cristo: ela é o antídoto que nos liberta de nossas faltas cotidianas e nos preserva dos pecados mortais.”<sup>127</sup>

A Missa é o centro de toda a vida cristã para a Igreja universal e para cada fiel individualmente, pois a Eucaristia é o ápice e a fonte de toda a vida da Igreja. Por isso, é necessária uma presença ativa por parte do fiel, uma consciência responsável e um empenho conseqüente para realizar o ato sagrado. A salvação e o culto atingem seu ponto mais alto no sinal litúrgico. Por isso, na missa, ocorre no plano objetivo sacramental a realização mais intensa do mistério pascal, em que se cumpriu a obra da redenção do homem e a perfeita

---

<sup>125</sup> RATZINGER, 2019, op. cit.

<sup>126</sup> BENTO XVI, Papa. Homília na Conclusão do XXV Congresso Eucarístico Nacional Italiano. Canteiro Naval de Ancona – 11 de setembro de 2011. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_hom\\_20110911\\_ancona.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben_xvi_hom_20110911_ancona.html)>. Acesso em: 21 out. 2021.

<sup>127</sup> CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, op. cit., n. 1436, p. 396.

glorificação de Deus. Em torno do mistério pascal, atualizado em toda Eucaristia, faz-se memória dos mistérios da redenção na sucessão dos tempos.<sup>128</sup>

Diante de uma realidade tão sobrenatural como é esta da Santa Missa, infelizmente, poucos são os fiéis que participam de forma consciente deste grande mistério. Garrigou-Lagrange, um dos maiores teólogos do século XX, trabalha o mistério da participação na celebração eucarística como fonte de santificação para a vida do cristão, já que a santificação da alma humana se encontra em uma união cada vez mais íntima com Deus, união de fé, de confiança e de amor. Sendo assim, um dos maiores meios de santificação é o ato mais elevado da virtude de religião e do culto cristão: a participação no sacrifício da Santa Missa.<sup>129</sup>

A eficácia do sacrifício da Missa vem de ser ele o mesmo sacrifício, em substância, do sacrifício de Cristo na cruz, porque é o mesmo sacerdote que continua atualmente a se oferecer por meio de seus ministros ordenados. É a mesma vítima, realmente presente sobre o altar, que é realmente oferecida, agora de uma maneira diferente: enquanto na cruz houve uma imolação cruenta, na missa há uma imolação sacramental.<sup>130</sup>

Esta imolação sacramental é um sinal da oblação interior de Jesus, à qual os membros da Igreja devem juntar-se. Ela é também o memorial da imolação sangrenta do Calvário. Por isso, vale ressaltar que por mais que seja somente sacramental, esta imolação incruenta do Verbo de Deus feito carne é mais expressiva que a imolação sangrenta do cordeiro pascal e de todas as vítimas do Antigo Testamento. Deste modo, vale destacar a figura do ministro celebrante. Por mais que de forma visível os homens vejam a sua ação na liturgia é necessário elevar o pensamento daquilo que toca os sentidos e considerar a mão de Jesus invisivelmente estendida naquele ato. Garrigou-Lagrange neste aspecto assim declara:

O sacerdote de carne e osso, que nós vemos com nossos olhos, não pode penetrar toda a profundidade desse mistério, mas acima dele existe a inteligência e a vontade de Jesus, sacerdote principal. Se o ministro nem sempre é o que deveria ser, o sacerdote principal é infinitamente santo; se o ministro, mesmo quando é muito bom, pode estar ligeiramente distraído ou ocupado com as cerimônias externas do sacrifício, sem lhes penetrar o íntimo sentido, existe acima dele alguém que não está distraído e que oferece a Deus em pleno conhecimento de causa uma adoração reparadora de infinito valor, uma súplica e ação de graças de alcance sem limites.<sup>131</sup>

Esta oblação interior sempre viva no coração de Jesus é a alma do sacrifício da Missa. Ela é a continuação da oblação pela qual Jesus se oferece como vítima ao entrar neste mundo e

---

<sup>128</sup> GERARDI, R. Missa. In: PACOMIO, L; MANCUSO, V. (dir.). **LEXICON** – Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

<sup>129</sup> GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. **As três idades da vida interior**. Tradução de Antonio Carlos Santini et al. São Paulo: Cultor de Livros, 2018. Tomo I.

<sup>130</sup> DENZINGER, op. cit.

<sup>131</sup> GARRIGOU-LAGRANGE, op. cit., p. 494.

ao longo de toda sua existência terrestre, sobretudo na cruz. Quando Jesus estava na terra, essa oblação era meritória, agora ela continua sem essa modalidade de mérito, continua sob a forma de adoração reparadora e de súplica para aplicar aos homens os méritos da cruz. Se fosse dado aos homens ver imediatamente o amor que inspira essa oblação interior contínua de Jesus grande seria a sua admiração.<sup>132</sup>

A Eucaristia é, portanto, uma atualização do mistério redentor na sua totalidade e a recapitulação da história da salvação no hoje do homem. Assim, o homem consegue percorrer todo o espaço compreendido entre a encarnação do Verbo e a vinda do Cristo no fim dos tempos. Deste modo, o Cristo presente na Eucaristia dá ao homem de sua plenitude, tanto no que concerne o passado quanto o presente e o futuro, pois o Cristo é sempre o mesmo. Sendo que o mistério não se esgota na intervenção de Cristo e no fato da conversão do pão e vinho em Corpo e Sangue. Mas, ela se desloca e tende para um devir que é o regresso do Cristo. Portanto, a Eucaristia é um ponto de escala na convergência entre a encarnação e a escatologia, na medida que se atualiza o mistério pascal na Missa, a volta de Cristo se faz mais atual e a escatologia, verdadeira.<sup>133</sup>

Nesta perspectiva pode-se pensar a partir da noção de sacrifício intrínseca ao ato litúrgico da Missa. O ato sacrificial de Cristo na cruz atingiu toda a humanidade, não se limitando a um tempo e lugar. Este valor absoluto de Cristo está eternamente presente, todo concentrado no tempo do Sacrifício do Cristo, permite ao tempo litúrgico receber uma plenitude de eternidade semelhante ao do sacrifício único do calvário. A este respeito, o teólogo Raymond Johanny declara sobre a participação e o efeito do cristão ao participar do ato litúrgico:

Por seu sacrifício, o cristão participa da libertação que ele adquiriu no sangue do Cristo. Tem necessidade de atualizar em si o único sacrifício do Cristo, a fim de fazer com que os efeitos deste único sacrifício o atinjam na realidade concreta de sua existência. Tem necessidade de morrer em Cristo para se tornar um nele, sendo este “um” entendido como a realização do seu próprio ser e como a realização de um único ser no Cristo. Atinge-se, assim, uma das grandes perspectivas de Agostinho, quando define o verdadeiro sacrifício como “toda obra que contribui para nos unir a Deus numa santa sociedade”, pois “tal é o sacrifício dos cristãos: para muitos, ser um só corpo no Cristo. E este sacrifício, a Igreja não cessa de reproduzi-lo no Sacramento do altar bem conhecido pelos fiéis, onde lhe é mostrado que naquilo que ela oferece, ela se oferece a si própria”.<sup>134</sup>

É necessário também ressaltar a importância dos efeitos da Missa e, conseqüentemente, das disposições interiores dos fiéis ao participar. Os efeitos da Missa imediatamente relativos a Deus, como a adoração reparadora e a ação de graças, produzem-se sempre infalivelmente e de

---

<sup>132</sup> Ibidem.

<sup>133</sup> JOHANNY, Raymond. **A eucaristia, caminho de ressurreição**. Tradução de Maucyr Gibin e Violeta Teles Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 1977.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 153.

forma plena com seu valor infinito, mesmo sem a afluência do fiel. Entretanto, os efeitos da missa que são relativos aos homens, só se derramam na medida da disposição interior de cada católico. Garrigou-Lagrange explica este limite dos efeitos na medida do fervor dos fiéis:

A razão disto é que a influência de uma causa universal só é limitada pela capacidade dos sujeitos que a recebem. Assim, o sol ilumina e aquece em dado lugar tanto a mil pessoas como a uma só. Ora, o sacrifício da Missa, sendo substancialmente o mesmo que aquele da Cruz, é, à maneira de reparação e de oração, uma causa universal de graças, de luz, de atração e de força. Então, sua influência só é limitada pelas disposições ou pelo fervor daqueles que a recebem. Assim, uma única Missa pode ser tão proveitosa para um grande número de pessoas com se fosse oferecida por uma só dentre elas; exatamente como o sacrifício da Cruz não foi menos proveitoso ao bom ladrão do que se tivesse sido oferecido somente por ele. Se o sol, em certo local, aquece tão bem mil pessoas quanto uma só, a influência dessa fonte de calor espiritual, que é a Missa, por certo não é menor em sua ordem. Quanto mais se assiste com fé, confiança, religião e amor, tanto maiores são os frutos que dela se retira.<sup>135</sup>

Vendo a importância da disposição interior de cada fiel, vale destacar o quanto é importante cada membro da Igreja tomar consciência do que se vive na celebração eucarística, consciência da diferença que há entre a experiência cotidiana na vida ordinária e aquilo que é específico do mistério litúrgico vivido e experimentado, ou seja, a experiência do homem com o mundo sobrenatural. Para isso, é necessário retomar aquilo que os Padres da Igreja usavam com tanta precisão, a mistagogia. Um aprofundamento do mistério pascal, mediante a meditação, contemplação e participação ativa da Eucaristia, fazendo com que o fiel conheça as realidades escondidas, os mistérios da fé. Assim, o homem adentra as verdades e as ações que devem ser reiteradas constantemente na vida cristã e que precisam de algumas atitudes concretas e muito íntimas, de grande valor espiritual para uma participação mais autêntica do santo sacrifício da Missa.<sup>136</sup>

Uma vez que é preciso reconhecer que os fiéis necessitam cada vez mais conhecer o mistério do altar no qual participam, há também uma outra necessidade de suma importância para a fecundidade da celebração: a união íntima dos sofrimentos hodiernos com o sacrifício eucarístico. O frade dominicano a respeito desta importantíssima união aborda da seguinte maneira:

É preciso, acima de tudo, unir-nos profundamente à oblação do Salvador, sacerdote principal: com ele, oferecer a seu Pai, lembrando-nos de que essa oblação agrada mais a Deus do que lhe desagradam todos os pecados. A cada dia, é necessário oferecer-nos mais profundamente, oferecer particularmente os sofrimentos e contrariedades que já temos de enfrentar e aqueles que irão apresentar-se durante a jornada. É assim que, no ofertório, o sacerdote diz: “*In spiritu humilitatis et in animo contrito suscipiamur a te, Domine*” – É com espírito humilhado e um coração contrito que vos pedimos, Senhor, que nos recebais.<sup>137</sup>

---

<sup>135</sup> GARRIGOU-LAGRANGE, op. cit., p. 497.

<sup>136</sup> CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

<sup>137</sup> GARRIGOU-LAGRANGE, op. cit., p. 499.

A Missa assim compreendida é fonte fecunda de santificação, de graças sempre novas. Por ela, os fiéis podem, cada vez melhor, a cada dia, unir-se a Nosso Senhor ao ponto de se tornarem um só. Já que o homem não consegue ter a vida senão por meio da comunhão com Cristo Jesus, conforme o próprio Senhor afirmou no discurso do Pão da Vida: “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.”<sup>138</sup> Deste modo, pode-se dizer que os demais sacramentos não têm eficácia senão em virtude de sua relação com a Eucaristia.<sup>139</sup>

A comunhão eucarística tem um efeito de transformação. Mas não é o alimento celeste que é transformado naquele que o come. É o próprio Cristo que se entrega, que vem como conquistador para transformar em sua luz e em sua caridade aquele que o comunga. Chega-se ao mistério da união de Cristo com as almas e com toda a Igreja. O Frei carmelita Maria-Eugênio do Menino Jesus esclarece a importância desta união do homem com o Corpo e o Sague de Cristo:

[...] a fonte por excelência da vida divina nesta terra é a Eucaristia. Canal principal da graça, do qual derivam todos os outros, é sobretudo por ela que o Espírito Santo santifica as almas e constrói a Igreja. Ora, este sacramento – condição necessária da vida sobrenatural – comunica Cristo e sua vida; não somente a graça do Verbo, mas também a carne e o sangue de sua humanidade. [...] A eucaristia nos dá a vida de Deus ao dar-nos Cristo. Dá a vida às almas, ao uni-las com Cristo Jesus. É o sacramento santificante por excelência, pois é o sacramento da união da alma com Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ela é o sacramento que realiza a unidade da Igreja, espalhando sua vida em todos os seus membros.<sup>140</sup>

Desta maneira, tendo uma vez tomado consciência do importante papel da celebração eucarística na vida da Igreja e, principalmente, na vida interior de cada fiel vale ainda ressaltar a evidência que muitos teólogos dão para a visita ao Santíssimo Sacramento. Este ato de piedade diária deve lembrar aos membros a Missa da qual surgiu o Corpo de Cristo adorado e deve-se pensar também que, no tabernáculo, se não há sacrifício propriamente dito, o qual cessou com a Missa, entretanto a presença real de Jesus ali continua a adorar, rezar e dar graças que são os fins próprios do sacrifício. Portanto, é de suma importância que cada fiel busque Jesus sacramentado nos sacrários e ali possa calar-se para ouvi-lo e deixar-se para se perder nele.<sup>141</sup>

### 3.3 Perspectivas pastorais

---

<sup>138</sup> Jo 6, 53.

<sup>139</sup> GARRIGOU-LAGRANGE, op. cit.

<sup>140</sup> JESUS, Frei Maria-Eugênio do Menino. **Quero ver a Deus**. Tradução de Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Terezinha. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 1310.

<sup>141</sup> GARRIGOU-LAGRANGE, op. cit.

Conhecer, viver e amar a Missa é mais do que deixar-se encantar por sua beleza e por todo o aparato que ela contém. É também mais do que admirar-se com a profundidade de cada texto litúrgico, como alguém que se deixar fascinar por uma poesia. Pode-se notar por meio do sinal da Cruz sob os altares, onde os braços de Jesus estão abertos estendendo a sua entrega redentora para além das paredes das Igrejas. A missa do fiel, que nasce da Missa, é justamente esta: levar a Cristo para onde for, pois o dom da Eucaristia é um convite a deixar-nos impregnar e encher pelo Espírito de Cristo e, deste modo, levantar sacrários de Deus no meio do mundo em que ele vive, no meio dos homens que o rodeiam.<sup>142</sup>

Deste modo, é preciso de forma prática destacar alguns elementos que podem ser melhorados para que cada fiel tenha consciência o quanto é importante a celebração eucarística e o quanto o caráter sacrificial é inseparável do rito no qual ele participa. Por conseguinte, de maneira bem prática Joseph Ratzinger acredita que ajudaria se na formação dos sacerdotes no seminário houvesse uma estrutura litúrgica fortificada, porque assim o povo será atingido pela espiritualidade eucarística deste novo padre formado com uma liturgia sólida. Ele aborda a realidade litúrgica na casa de formação da seguinte maneira:

A formação ao sacerdócio deve ser, por sua natureza, preparação ao serviço dos sacramentos, à liturgia sacramental da Igreja. Uma coisa é clara: a Eucaristia diária deve ser o centro da formação sacerdotal. A capela deve ser o centro do seminário e a proximidade eucarística deve continuar a aprofundar-se na adoração pessoal do Senhor presente. [...] O silêncio e a solenidade fazem parte da liturgia. A missa matinal, com o seu frescor e a sua pureza, com as liturgias de solene esplendor, são as minhas melhores lembranças do tempo de seminário. A beleza da liturgia está justamente no fato que nós não somos atores, mas entramos em algo maior do que nós, que nos envolve e se apodera de nós. [...] A liturgia é o contato com a Beleza, com o amor eterno. Da liturgia nasce a alegria da casa; nela, a fadiga de cada dia pode ser transformada e superada. Quando a liturgia torna-se o centro da existência, somos fiéis à palavra apostólica: “Alegrai-vos sempre no Senhor; repito, alegrai-vos. O Senhor está próximo.” Só o coração da liturgia permite compreender o que o apóstolo Paulo, na segunda carta aos Coríntios 1, 24, quer dizer quando define o Sacerdote da Nova Aliança: “Servo da nossa alegria”.<sup>143</sup>

É de suma importância que o futuro padre já aprenda dentro da realidade do seminário uma reta e consciente participação na celebração eucarística e para isso é necessário que ele também aprenda a conhecer, compreender e amar a liturgia da Igreja na sua forma concreta. Pois o centro da relação do seminarista com Deus e da sua configuração é a Eucaristia, celebrá-la com íntima participação e assim encontrar o Cristo em pessoa deve ser o centro de todas as suas ações. Assim, o teólogo alemão testemunha a respeito da grandeza do ato de poder celebrar a Eucaristia:

---

<sup>142</sup> ASSUNÇÃO, op. cit.

<sup>143</sup> RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã**: Discursos e Homilias (1986-1999). Campinas: Ecclesiae, 2014. v. 1., p. 42-43.

Em certo sentido, podemos dizer que a preparação ao sacerdócio consiste em aprender a celebrar a Eucaristia. Mas podemos inverter os termos: a Eucaristia existe para nos ensinar a viver. A escola da Eucaristia é a escola da vida reta; com os seus ensinamentos, ela nos leva para perto daquele que era o único que podia dizer “eu sou o caminho, a verdade e a vida”. A tremenda tarefa da Eucaristia consiste no fato que o sacerdote pode falar com o Eu de Cristo. Tornar-se e ser sacerdote significa aproximar-se constantemente dessa identificação. Ela jamais se realiza definitivamente, mas se a procuramos, quer dizer que nos encontramos no bom caminho, o caminho para Deus e para o homem, o caminho do Amor.<sup>144</sup>

Assim, pode ser abordado na dimensão formativa do sacerdote o aspecto central do seu ministério: a configuração com Cristo. E, desta forma, é de suma importância ressaltar que esta configuração acontece em todas as áreas da vida do candidato. Aqui, devido à relevância ao tema do trabalho, é preciso evidenciar o aspecto do padre como vítima voluntária, assim como foi Cristo. O Filho do Homem não ofereceu um cordeiro, um touro ou pombas, ele jamais ofereceu algo que não fosse ele mesmo, ele era *Sacerdos-Victima*. Os sacerdotes do Antigo Testamento ofereciam um sacrifício que não era eles mesmos, já o novo sacerdócio fundado em Cristo tem o seu sacerdócio como modelo. Ou seja, é necessário o sacerdote trazer em si a concepção de fazer de si vítima, um prolongamento da encarnação do Cristo. O arcebispo americano Fulton Sheen vai dizer que esta dimensão da vida sacerdotal se dá na celebração da missa: “O que é misticamente apresentado na missa da manhã deve ser apresentado corporalmente o dia inteiro”.<sup>145</sup>

Desta maneira, os fiéis tocam na presença de Cristo por meio das ações do próprio padre e, conseqüentemente, recordarão da imolação redentora sofrida na pessoa de Jesus na cruz. Há também outros meios que colaboram para esta recordação que são importantes mencionar. Podem-se citar os textos litúrgicos das orações eucarísticas (anáforas), rezadas no ápice da celebração, que fazem os fiéis terem consciência do caráter sacrificial daquilo que estão participando. Após o relato institucional, as palavras da consagração e conectando com a ordem de iteração que o concluí, a *anamnese* explicita a intenção da assembleia reunida: fazer o memorial. Nesta hora, os fiéis recordam do sacrifício de Jesus oferecido ao Pai e adentram de forma consciente neste sacrifício que agora acontece de forma sacramental.<sup>146</sup>

Esse elemento da anáfora se compõe, em todas as famílias litúrgicas, de dois elementos constitutivos: a declaração anamnética e a oferta do memorial, como se encontra de forma clara na Oração Eucarística II: “Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho,

---

<sup>144</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>145</sup> SHEEN, Fulton John. **O Sacerdote não se pertence**. Tradução de Roberto Leal. São Paulo: Molokai, 2018, p. 281.

<sup>146</sup> TABORDA, Francisco. **O memorial da Páscoa do Senhor**: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.



nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação”<sup>147</sup>. No cânon romano também pode-se encontrar: “Celebrando, pois, a memória da paixão do vosso Filho, da sua ressurreição dentre os mortos e gloriosa ascensão aos céus, nós, vossos servos, e também vosso povo santo, vos oferecemos, ó Pai, dentre os bens que nos destes, o sacrifício perfeito e santo, pão da vida eterna e cálice da salvação”<sup>148</sup>.

E, desta forma, pode-se citar todas as orações eucarísticas que evidenciam a participação do sacrifício único de Cristo. Vale também destacar o uso específico do termo “sacrifício” nas orações eucarísticas, elas destacam este caráter dentro da celebração. Por exemplo, a Oração Eucarística IV que destaca da seguinte forma: “[...] nós vos oferecemos o seu Corpo e Sangue, sacrifício do vosso agrado e salvação do mundo inteiro. Olhai, com bondade, o sacrifício que destes à vossa Igreja e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória.”<sup>149</sup>

O sacerdote capuchino Raniero Cantalamessa chega a analisar a importância da comunhão nas duas espécies para uma melhor participação da celebração eucarística. Com base em um pensamento tomasiano onde o teólogo dominicano afirma que a paixão de Cristo é expressa melhor com o sangue do que com o corpo, Cantalamessa sugere a comunhão nas duas espécies já que o atual Concílio enumera vários casos que permitem esta comunhão. Para o pregador italiano a sagrada comunhão exprime com maior plenitude a sua forma de sinal, se for feita sob as duas espécies, pois fica mais evidente o sinal do banquete eucarístico e exprime mais claramente a vontade divina de ratificar a nova e eterna aliança no sangue de Cristo.<sup>150</sup>

Por conseguinte, Cantalamessa ressalta a importância de junto com a comunhão nas duas espécies crescer uma catequese que evidencie o significado do sangue de Cristo, para que não haja apenas um aumento na parte sensitiva do fiel ao comungar. Por mais que seja doutrina da Igreja que sob a espécie do pão está o Corpo, Sangue, água e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo o capuchino acredita que fará bem ao povo fiel a comunhão nas duas espécies e amadurecerá no fiel a consciência que na Missa ele participa do único Sacrifício de Cristo na Cruz.<sup>151</sup>

---

<sup>147</sup> MISSAL Romano: Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1992, p. 480.

<sup>148</sup> Ibidem, p. 474.

<sup>149</sup> Ibidem, p. 492.

<sup>150</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **A Eucaristia nossa santificação**. Tradução de Padre Adérito Lourenço Louro. São Paulo: Paulus, 2005.

<sup>151</sup> Ibidem.

Deste modo, pode-se dizer que há alguns elementos que podem contribuir para um retorno da autêntica compreensão a respeito do caráter sacrificial, intrínseco à Santa Missa de forma prática e bem objetiva. Há sinais visíveis de melhoras que preenchem o coração zeloso que busca em cada missa a que participa mergulhar no mistério salvífico experimentado no meio do caos dos dias atuais.

## Conclusão

Tendo consciência que a Missa é o Sacrifício de ação de Graças por excelência que permite aos fiéis se unirem e participarem do único sacrifício de Cristo na cruz, o fiel tem a oportunidade de unir a sua ação de graças com a do Salvador, o Verbo encarnado. Deste modo, a Missa é o centro de toda vida comunitária, mas também é o núcleo do caminho de santificação pessoal, pois a vida espiritual do fiel depende essencialmente da Eucaristia. Sem ela a fé e a esperança esmorecem, a caridade esfria.

É fácil de observar que no decorrer da história a Igreja foi evoluindo a compreensão da realidade sacrificial no ato religioso. Elemento presente desde os tempos pagãos antes de Cristo, o sacrifício é realidade bem concreta em quase todas as religiões. Mas, nenhum sacrifício é comparável ao sacrifício pleno de Cristo na Cruz. Por isso, no Cristianismo não acontecem novos sacrifícios, pois o sacrifício cruento de Cristo foi o suficiente para redimir toda a humanidade. Como também foi-se clarificando a noção de “memória” no ato litúrgico católico e conseqüentemente compreendendo de uma forma mais sistemática a Missa como memorial da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, algo recordado em toda Oração Eucarística (*anamnese*). A Igreja nunca desassociou a Missa do Sacrifício de Cristo, sempre foi muito presente na sua doutrina.

Foi possível observar o quanto é evidente na Igreja que, quando se fala em Teologia da Liturgia, entende-se que Deus age na liturgia através de Cristo e que os homens podem agir somente através dele e com Ele. Portanto, o sujeito da liturgia católica é Cristo, Ele é o protagonista. O homem não consegue construir um caminho rumo a Deus. É o próprio Deus que se transforma em caminho para que o homem possa alcançá-lo. Entende-se também na Teologia da Liturgia que o próprio *Logos* fala ao homem e não somente fala, mas Ele vem com corpo e alma, carne e sangue, divindade e humanidade para se unir ao homem, para tornar-se com o homem um só corpo. Na liturgia católica toda a história da busca humana por Deus está presente, acolhida e conduzida à sua meta. A liturgia cristã é uma liturgia cósmica, capaz de abraçar toda a criação, que espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus.

Diante da solidez doutrinal acerca do caráter sacrificial da Missa e do pensamento de Ratzinger a respeito desta dimensão, pode-se afirmar com clareza: a liturgia não deve se transformar em campo de experimentos de hipóteses teológicas. Nos últimos decênios, pode-se perceber que rapidamente opiniões de especialistas passaram para a práxis litúrgica, em grande parte, ignorando as autoridades eclesiais. O agir do homem é certamente necessário, mas, como uma humilde inserção no espírito da liturgia e como serviço àquele que é o verdadeiro

sujeito da liturgia: Jesus Cristo. Desta forma, pode-se afirmar que a liturgia não é expressão da consciência da comunidade ou de pensadores, consciência de fato dispersa e mutável. A liturgia é Revelação acolhida na fé e na oração, portanto a sua medida é a fé da Igreja que é o recipiente da Revelação.

Por mais que as configurações litúrgicas podem, dependendo do lugar e do tempo, ser múltiplas, como são múltiplos os ritos, o essencial é a ligação com a Igreja que mediante a fé, está ligada ao Senhor. A obediência da fé à Igreja garante a unidade da liturgia para além dos limites de lugares e tempos e torna possível a unidade da Igreja. Deste modo, o fiel, ao participar conscientemente do Santo Sacrifício da Missa, vive a natureza da liturgia, que é sintetizada na exclamação orante: *Maran atha* – nosso Senhor está presente – vem, Senhor Jesus!

## Referências

ALDAZÁBAL, J. A **Eucaristia**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.  
ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. **O sacrifício da palavra: a liturgia da missa segundo Bento XVI**. Campinas: Ecclesiae, 2016.

AUGÉ, M. **Liturgia – História, Celebração, Teologia e Espiritualidade**. 2. ed. Tradução de Comerciando B. Dalla Costa. São Paulo: Ave Maria, 1998.

AGOSTINHO, S. **A Cidade de Deus: contra os pagãos**, Parte I. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2012.

BENTO XVI, Papa. **Discurso na conclusão do encontro com os bispos da Suíça – 9 de novembro de 2006**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20061109\\_concl-swiss-bishops.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061109_concl-swiss-bishops.html)>. Acesso em: 24 set. 2021.

BENTO XVI, Papa. **Sacramentum Caritatis: Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia**, fonte e ápice da vida e missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

BENTO XVI, Papa. **Homilia na Celebração Eucarística, viagem apostólica à França – Paris, 13 set. 2008**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080913\\_parigi-esplanade.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080913_parigi-esplanade.html). Acesso em: 21 out. 2021

BENTO XVI, Papa. **Discurso no encerramento da visita pastoral diocesana, viagem pastoral a Aquileia e Veneza**. Basílica São Marcos – Veneza, 8 de maio de 2011. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20110508\\_assemblea-chiusura.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110508_assemblea-chiusura.html)>. Acesso em: 20 set. 2021.

BENTO XVI, Papa. **Homilia na Conclusão do XXV Congresso Eucarístico Nacional Italiano**. Canteiro Naval de Ancona – 11 de setembro de 2011. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20110911\\_ancona.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20110911_ancona.html)>. Acesso em: 21 out. 2021.

BENTO XVI, Papa. **Um caminho de fé antigo e sempre novo: o ano litúrgico pregado por Bento XVI**, tomo II: ano B. Tradução oficial da Santa Sé. São Paulo: Molokai, 2017. (Coleção Ratzinger, 4).

BÍBLIA TEB. tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

BOROBIO, D. (org.). **A Celebração na Igreja**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1993. v. II.

BOURGEOIS, H; SESBOÛÉ, B.; TIHON, P. **História dos dogmas: Os sinais da salvação; Os sacramentos; A Igreja; A Virgem Maria**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2005. Tomo 3.

BRIGHT, J. **História de Israel**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2010.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CANTALAMESSA, Raniero. **A Eucaristia nossa santificação**. Tradução de Padre Adérito Lourenço Louro. São Paulo: Paulus, 2005.

CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2008.

CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Vaticano II**: Constituições, decretos e declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CROLLIUS, A. ROEST. Sacrifício (história das religiões). *In*: PACOMIO, L; MANCUSO, V. (dir.). **LEXICON** – Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

DANIEL-ROPS. **Igreja da renascença e da Reforma I**: A Reforma Católica. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1996. v. 5.

DANIÉLOU, J. **Bíblia e liturgia**: A teologia bíblia dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. Tradução de Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2013.

DAVIS, M. **A Reforma Litúrgica de Cranmer**: A destruição do catolicismo por meio da mudança litúrgica. Tradução de Fabiano Rollim. Niterói: Permanência, 2017.

DENZINGER, H. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução de José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DI SANTE, C. **Liturgia judaica**: fontes, estrutura, oração e festas. Tradução de João Aníbal Garcia Soares Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004.

DIDAQUÉ. **O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje**. 17. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

FERREIRA, Eduardo C. **O Santo Sacrifício**: esboço apologético, histórico e litúrgico para uso dos fiéis. 2. ed. Lisboa: União Gráfica, 1950.

FORTE, Bruno. **Breve introdução aos sacramentos**. Tradução de Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2013.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. **As três idades da vida interior**. Tradução de Antonio Carlos Santini et al. São Paulo: Cultor de Livros, 2018. Tomo I.

GERARDI, R. Missa. *In*: PACOMIO, L; MANCUSO, V. (dir.). **LEXICON** – Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

IAMMARRONE, G. Sacrifício de Cristo. *In*: PACOMIO, L; MANCUSO, V. (dir.). **LEXICON** – Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

JESUS, Frei Maria-Eugênio do Menino. **Quero ver a Deus**. Tradução de Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Terezinha. Petrópolis: Vozes, 2016.

JOÃO PAULO II, Papa. **Ecclesia de eucharistia**: Carta encíclica aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003.

JOHANNY, Raymond. **A eucaristia, caminho de ressurreição**. Tradução de Maucyr Gibin e Violeta Teles Ribeiro. São Paulo: Paulinas, 1977.

JUNGMANN, Josef A. **Missarum Sollemnia**: origens, liturgia, história e teologia da missa romana. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2015.

LEXICON – Dicionário Teológico Enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTINA, G. **História da Igreja**: de Lutero a nossos dias – A era da Reforma. 5. ed. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2004.

MCMORROW, K. Luteranismo. *In*: PACOMIO, L; MANCUSO, V. (dir.). **LEXICON** – Dicionário Teológico Enciclopédico. Tradução de João Paixão Netto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

MISSAL Romano: Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1992.

NENHEUSER, B. Sacrifício. *In*: SARTORE, D; TRIACCA, A. M. (Dir.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 1992

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia Científica**: para alunos de graduação e pós-graduação. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

RATZINGER, J. **Deus próximo de nós**: a Eucaristia centro da vida. Tradução de João Cesar das Neves. Coimbra: Tenacitas, 2005a.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**: Preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Loyola, 2005b.

RATZINGER, J. **Dogma e Anúncio**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2011.

RATZINGER, J. **Teologia da Liturgia**: o fundamento sacramental da existência cristã. Tradução de Cornelius Pfeifer et al. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.

RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã – volume 1: Discursos e Homilias (1986-1999)**. Campinas: Ecclesiae, 2014. v. 1.

SANTINI, Lidvino. **A Santa Missa na história e na mística**. Campinas: Livre, 2016.

SHEEN, Fulton John. **O Sacerdote não se pertence**. Tradução de Roberto Leal. São Paulo: Molokai, 2018.

TABORDA, Francisco. **O memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

TOSATTI, Marco. **Dicionário do Papa Ratzinger: Guia para o pontificado**. Lisboa: Paulus, 2005.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. Tradução de Francisco Figueiredo de Moraes. São Paulo: Loyola, 2009.

VIER, Frei F. **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 29 Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

WILLI-PLEIN, Ina. **Sacrifício e culto no Israel do antigo testamento**. Tradução de Antonius Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2001